

## 2

### GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Kees Hengeveld\*  
(ACLC/Universidade de Amsterdã)

J. Lachlan Mackenzie\*  
(ILTEC/Universidade Livre de Amsterdã)

#### 1. Introdução\*

Este capítulo introduz a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), um modelo de estrutura da linguagem tipologicamente baseado. Depois de uma apresentação geral do modelo e de seu lugar como o componente gramatical de uma teoria mais ampla da interação verbal na Seção 2, a Seção 3 situa o modelo no campo das teorias gramaticais em geral. A Seção 4 traz os detalhes dos quatro níveis de organização linguística (interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico) dentro da gramática propriamente dita, fornecendo exemplos do potencial de cada nível. A Seção 5 traz uma visão sobre como a interação da gramática com os componentes adjacentes e a interação entre os vários níveis dentro do componente gramatical ajudam a explicar um grande número de fenômenos linguísticos. Depois de uma análise detalhada de um exemplo na Seção 6, algumas aplicações da GDF são discutidas na Seção 7.

#### 2. Esboço do modelo

##### 2.1. A GDF e a interação verbal

Como mostra a Figura 1, a GDF é concebida como o Componente Gramatical de um modelo global de interação verbal em que esse Componente se liga ao Componente Conceitual, ao

---

\* Professor do Departamento de Linguística, da Universidade de Amsterdã (Holanda); p.c.hengeveld@uva.nl.

\* Professor Honorário do Departamento de Linguística, da Universidade Livre de Amsterdã, e pesquisador do ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional de Lisboa); lachlan\_mackenzie@hotmail.com.

\* Para uma descrição completa da GDF, ver Hengeveld e Mackenzie (2008). A contribuição de Mackenzie para este artigo foi parcialmente financiada pelos projetos de pesquisa INCITE09 204 155 PR (Xunta de Galicia) e FFI2010-19380 (Ministério Espanhol de Ciências e Inovação). Este artigo foi publicado originalmente como Hengeveld & Mackenzie (2010). Agradecemos à Oxford University Press a permissão para republicar esta versão em Português. Estamos muito gratos pela excelente tradução feita por Marize Mattos Dall'Aglio Hattner.

Componente de Saída e ao Componente Contextual. Esses três componentes não-gramaticais interagem de várias formas com o Componente Gramatical, mais especificamente por meio das operações de Formulação e de Codificação. A Formulação diz respeito às regras que determinam aquilo que constitui representações semânticas e pragmáticas subjacentes válidas em uma língua. A Codificação diz respeito a regras que convertem essas representações semânticas e pragmáticas em representações fonológicas e morfossintáticas. A GDF assume que tanto a Formulação como a Codificação são processos específicos de cada língua, isto é, nenhuma categoria pragmática, semântica, morfossintática ou fonológica universal é postulada até que sua universalidade tenha sido demonstrada por meio de pesquisa empírica.

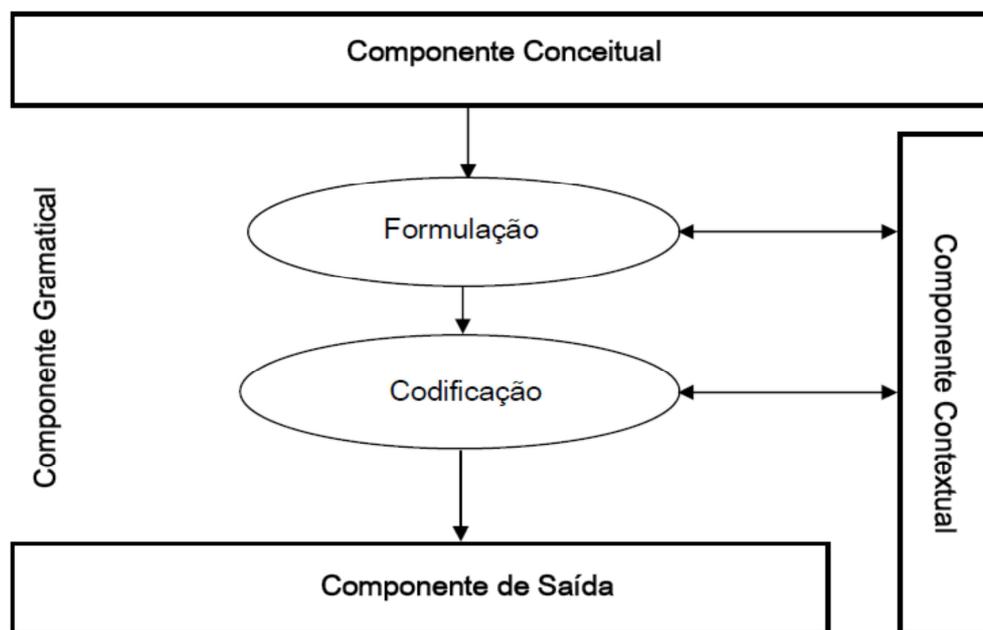


Figura 1. A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal

O Componente Conceitual é responsável pelo desenvolvimento tanto da intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente, quanto das conceitualizações associadas relativas a eventos extralinguísticos relevantes, sendo, dessa forma, a força motriz por trás do Componente Gramatical como um todo. O Componente de Saída gera as expressões acústicas ou escritas com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical. Sua função pode ser entendida como a tradução da informação digital (isto é, categorial, baseada em oposição) na gramática para uma forma analógica (isto é, continuamente variável). O Componente Contextual contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente, do contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala e

das relações sociais entre os participantes. Esse tipo de informação é relevante para muitos processos gramaticais, tais como encadeamento narrativo, reflexividade e voz passiva.

## **2.2. A arquitetura da GDF**

A arquitetura geral da própria GDF, em relação aos componentes que a ladeiam, agora pode ser representada como na Figura 2, em que o Componente Gramatical é apresentado no centro, o Componente Conceitual no topo, o Componente de Saída na parte inferior e o Componente Contextual à direita.

Uma característica distintiva da GDF, mostrada na Figura 2, é a sua rigorosa arquitetura descendente: a GDF começa com a intenção do Falante e se desenvolve até a articulação. Essa direção é motivada pela suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo. Estudos psicolinguísticos (por exemplo, LEVELT, 1989) mostram claramente que a produção de linguagem é, de fato, um processo descendente. A implementação da GDF reflete esse processo e é organizada de acordo com ele. Isso não significa, no entanto, que a GDF seja um modelo do Falante: a GDF é uma teoria sobre a gramática que tenta refletir as evidências psicolinguísticas em sua arquitetura básica. A organização descendente da gramática tem consequências de longo alcance em todos os níveis de análise, como veremos na Seção 4.

Na Figura 2, as elipses contêm operações, os quadrados contêm os primitivos usados nas operações e os retângulos contêm os níveis de representação produzidos pelas operações. Tudo isso será discutido em maiores detalhes na Seção 4. Aqui, vamos nos limitar a descrever o processo geral de cima para baixo com base em um exemplo simples, dado em (1), produzido em um contexto no qual o Ouvinte quer entrar em uma pastagem onde há um touro:

- (1) Há um touro no pasto!

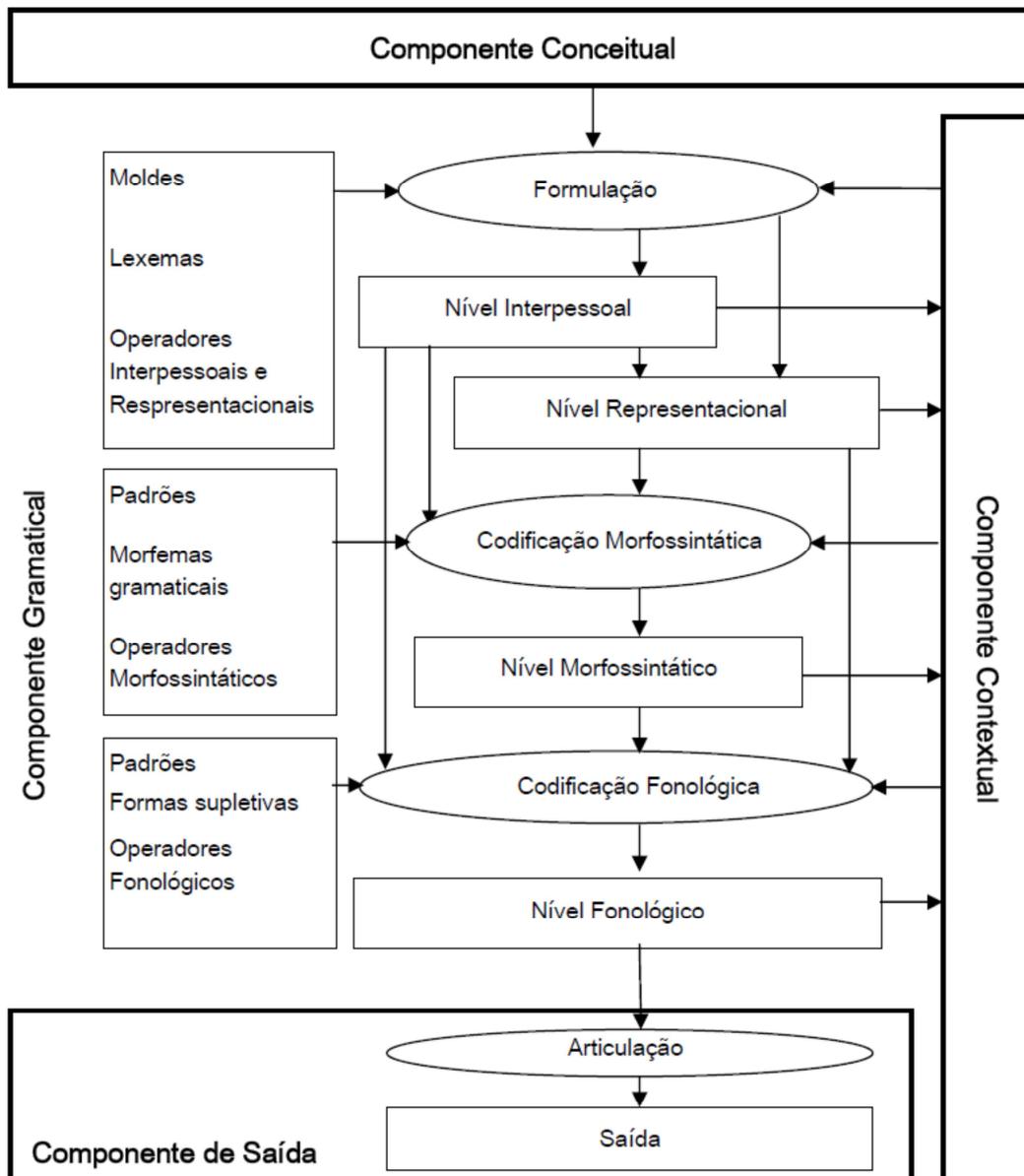


Figura 2. Esquema Geral da GDF

No Componente Conceitual pré-linguístico, uma intenção comunicativa (emissão de um alerta) e as representações mentais correspondentes (do evento causador do perigo) são relevantes. A operação de **Formulação** traduz essas representações conceituais em representações semânticas e pragmáticas nos Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente. Alertas não são uma categoria ilocucionária separada em português, mas o Falante resolve esse problema selecionando uma ilocução declarativa combinada com um operador de ênfase no Nível Interpessoal. A entidade causadora do perigo, além disso, é caracterizada como Tópico Focal nesse nível. No Nível Representacional, o Falante escolhe designar a entidade causadora do perigo como parte de um esquema de predicação locativo. As configurações dos Níveis Interpessoal e Representacional são traduzidas em estruturas

morfossintáticas, no Nível Morfossintático, por meio da operação de Codificação Morfossintática. Em (1) essa operação envolve, por exemplo, a ordem de palavras característica de construções existenciais, o uso unipessoal do verbo *haver*, etc. De maneira semelhante, as estruturas nos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático são traduzidas em estruturas fonológicas no Nível Fonológico. Nesse exemplo, a seleção da ilocução declarativa combinada com o operador de ênfase é responsável por todo o contorno entonacional com uma queda brusca no elemento focalizado *touro*. Ao organizar o Componente Gramatical do modo como ilustramos aqui, a GDF leva a abordagem funcional da linguagem ao seu extremo lógico: dentro da organização descendente da gramática, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia.

O Nível Fonológico de representação é o *input* para a operação de Articulação, que possui as regras fonéticas necessárias para uma expressão adequada. A Articulação ocorre fora da gramática propriamente dita, no Componente de Saída.

O Componente Contextual é alimentado pelos vários níveis de representação dentro da gramática, permitindo referência posterior a vários tipos de entidades relevantes em cada um desses níveis, uma vez que eles sejam introduzidos no discurso. As operações de Formulação e Codificação são alimentadas pelo Componente Contextual, de modo que, por exemplo, a disponibilidade de antecedentes pode influenciar a composição de Atos Discursivos (subsequentes).

Tendo visto alguns detalhes da arquitetura da GDF, vamos situá-la em seu contexto mais amplo.

### **3. Embasamento Teórico**

O objetivo principal da Gramática Discursivo-Funcional é dar conta dos fenômenos morfossintática e fonologicamente codificados nas línguas, seja como correlatos de aspectos pragmáticos e semânticos da Formulação, seja como portadores de propriedades inerentes da Codificação. No primeiro caso, o fenômeno é funcionalmente motivado; no segundo caso, ele é arbitrário. Como o próprio nome da teoria sugere, a ênfase no trabalho da GDF incide fortemente sobre o primeiro tipo de fenômeno. A postura funcionalista implica a hipótese de que uma vasta gama de categorias formais podem ser criteriosamente explicadas se consideradas em correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas originadas na

cognição humana e na comunicação inter-humana; somente se essa correlação não puder ser estabelecida é que a GDF considera a opção de arbitrariedade. Na verdade, pode se demonstrar que as línguas variam na medida em que suas propriedades formais refletem categorias pragmáticas, semânticas ou nenhuma das duas (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Essa posição situa a GDF a meio caminho entre abordagens formais radicais e abordagens funcionalistas radicais. Posições funcionalistas radicais tendem a negar a existência da estrutura linguística e ver uma forma linguística como uma manifestação efêmera da tentativa do usuário da língua de atingir seus propósitos comunicativos. Posições formais radicais alegam que as afirmações em um texto real ou uma transcrição de fala refletem (de maneira muito imperfeita, diz-se) um sistema subjacente que é governado por regras que prevêm a forma assumida por unidades linguísticas idealizadas e limita o estudo linguístico à investigação desse sistema oculto, totalmente independente dos usos que dele são feitos. A GDF é uma teoria estrutural-funcional (BUTLER, 2003) porque enfoca a correlação entre a função e a estrutura moldadas, respectivamente, como Formulação e Codificação.

Duas outras teorias estrutural-funcionais da linguagem intimamente ligadas à GDF são a Gramática de Papel e Referência (RRG, VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; VAN VALIN, 2005, 2010) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; CAFFAREL, 2010); ver Butler (2003) para uma comparação detalhada. A GDF parece ocupar uma posição intermediária entre a LSF, que fica próxima ao funcionalismo radical ao tomar o texto como o objeto central de investigação linguística, e a RRG, que fica mais perto do formalismo radical ao ver-se, acima de tudo, como uma teoria da sintaxe (VAN VALIN, 2001, p. 172). A GDF não tem nada a dizer sobre textos, mas está muito preocupada com o impacto da textualidade sobre a forma das unidades linguísticas; a GDF também não está primordialmente interessada na sintaxe, mas vê, de fato, a organização morfossintática como um importante aspecto da codificação linguística. Com a *Simpler Syntax* (JACKENDOFF; CULICOVER, 2005; CULICOVER, 2010), a GDF compartilha o desejo de dar à semântica seu lugar legítimo na teoria linguística e integrar a linguística com o trabalho cognitivo, de aquisição e de biologia linguística; ela difere, entre outros aspectos, por dar peso igual a fatores semânticos e pragmáticos.

A GDF vê o usuário da língua como tendo conhecimento tanto das unidades funcionais e formais da língua como das maneiras pelas quais essas unidades podem ser combinadas. Esse conhecimento tem um elevado grau de estabilidade, de tal forma que pode ser comparado entre as línguas, revelando as tendências universais na estrutura linguística,

como estudado na tipologia linguística. O conhecimento das unidades e suas combinações é instrumental na comunicação interpessoal e tem surgido como resultado de processos históricos: distinções formais e funcionais que têm servido adequadamente aos seres humanos ao longo dos tempos sedimentaram-se no repertório que agora lhes é disponível. As formas que estão à disposição dos usuários da língua são variáveis entre as línguas, mas essa variação não é ilimitada. Pelo contrário, os limites são estabelecidos pelo leque de propósitos comunicativos presentes em todos os usuários da língua e pelas restrições cognitivas a que estão sujeitos.

Essa é a principal motivação por trás da íntima relação entre a GDF e a tipologia linguística. A GDF é uma teoria capaz de fornecer um quadro para a enunciação e a comparação dos universais da linguagem (tanto absolutos como estatísticos) e de oferecer um modelo coerente para o tipo de descrição linguística que supre as investigações tipológicas. Com suas estruturas em camadas de Formulação e de Codificação, que definem um espaço no qual a atividade linguística é compelida a operar, a GDF permite comparações mais confiáveis entre sistemas linguísticos. A GDF pode, por exemplo, facilmente acomodar o pressuposto funcionalista de que, *ceteris paribus*, a ordem relativa dos elementos morfossintáticos vai refletir iconicamente as relações de escopo existentes entre noções pragmáticas e semânticas subjacentes.

A GDF oferece um quadro estruturado dentro do qual as hipóteses linguísticas podem ser enunciadas e testadas. Ao mesmo tempo, ela fornece um quadro para a descrição de fenômenos linguísticos e, dessa forma, pode estar envolvida em todo o ciclo de pesquisa: da observação à predição, ao teste das predições por meio de novas observações, de volta a novas predições e assim por diante. A GDF não pode, por si só, fornecer explicações, sob a forma de regras de causa e efeito. No entanto, como mostramos na Seção 2, ela está ligada a um Componente Conceitual, um Componente Contextual e um Componente de Saída, os quais englobam todos os aspectos linguisticamente relevantes de cognição, memória e articulação. É por meio dessas ligações que a extensão da variação linguística e suas limitações podem ser entendidas como reflexo das capacidades humanas gerais, mentais e físicas.

## **4. Quatro níveis de organização linguística**

### **4.1. Níveis e camadas**

Cada um dos níveis de representação distinguidos dentro do Componente Gramatical, na Figura 2, está estruturado de uma maneira particular. O que todos os níveis têm em comum é o fato de terem uma organização hierarquicamente ordenada em camadas. Na sua forma máxima, a estrutura geral das camadas dentro dos níveis é a seguinte:

$$(2) (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])$$

Aqui,  $v_1$  representa a variável da camada relevante, que é restringida por um núcleo (possivelmente complexo) que toma a variável como seu argumento, e pode ser ainda mais restringida por um modificador  $\sigma$  que toma a variável como seu argumento. A camada pode ser especificada por um operador  $\pi$  e conter uma função  $\Phi$ . Núcleos e modificadores representam estratégias lexicais, enquanto operadores e funções representam estratégias gramaticais. A diferença entre operadores e funções reside no fato de que estas são relacionais, atuando entre uma unidade inteira e outras unidades da mesma camada, enquanto aqueles não, aplicando-se apenas à própria unidade.

Nem todas as relações entre as unidades são hierárquicas. Nos casos em que as unidades formam juntas uma configuração não-hierárquica (equipolente), elas são colocadas entre colchetes, como exemplificado em (2), em que a relação entre um núcleo e seu argumento e um modificador e seu argumento é indicada pelos colchetes.

Os níveis diferem com relação à natureza das distinções que são relevantes para cada um deles. Uma vez que os níveis são de natureza puramente linguística, apenas as distinções que realmente se refletem na gramática da língua em questão são fornecidas. Vamos rever cada um dos quatro níveis, apresentando-os de acordo com a ordem descendente de organização do modelo.

#### **4.2. O Nível Interpessoal**

O Nível Interpessoal capta todas as distinções de Formulação que dizem respeito à interação entre o Falante e o Ouvinte. Essas distinções abrangem, nas camadas superiores, noções retóricas de toda a estruturação do discurso, na medida em que elas sejam refletidas na forma linguística, e, nas camadas inferiores, distinções pragmáticas que refletem como os Falantes moldam suas mensagens levando em conta as expectativas que eles têm com relação aos conhecimentos e sentimentos do Ouvinte, novamente apenas na medida em que essas distinções sejam gramaticalmente relevantes. A estrutura hierárquica surge a partir da

aplicação de um conjunto adequado de moldes selecionados entre os disponíveis para o Falante. As relações hierárquicas que se aplicam ao Nível Interpessoal são mostradas a seguir:

(3)	$(\pi M_1: [$	Movimento <sup>2</sup>
	$(\pi A_1: [$	Ato Discursivo
	$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
	$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_S$	Falante
	$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A$	Ouvinte
	$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
	$(\pi T_1: [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))_\Phi$	Subato de atribuição
	$(\pi R_1: [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))_\Phi$	Subato de referência
	$] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$	Conteúdo Comunicado
	$] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$	Ato Discursivo
	$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

Vamos agora dizer alguma coisa sobre cada uma das camadas.

O Movimento ( $M_1$ ) é a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical. Pode ser definido como uma contribuição autônoma para a interação em desenvolvimento: ele pode requerer uma reação ou ser, ele próprio, uma reação. A complexidade de um Movimento pode variar enormemente, do silêncio até um longo trecho de discurso. Onde um material linguístico estiver presente, o Movimento sempre terá a forma de um ou mais Atos Discursivos. Sua estrutura geral é, portanto, a seguinte:

$$(4) (\pi M_1: [(A_1) \dots (A_{1+N})] (M_1): \Sigma (M_1)), \text{ onde } N \geq 0$$

A relação entre os Atos Discursivos pode ser de equipolência ou de dependência. Relações de dependência proeminentes, indicadas como uma função retórica no Ato Discursivo dependente, são a Motivação, a Concessão, a Orientação e a Correção. No Movimento seguinte:

(5) Tome cuidado, pois haverá perguntas capciosas no exame.

o segundo Ato Discursivo (entonacionalmente distinto) com uma Ilocução Declarativa serve para indicar a motivação que levou o Falante a proferir uma ilocução imperativa no primeiro Ato Discursivo.

<sup>2</sup> Apesar de a terminologia ter sido traduzida, a notação segue o original (N.T.).

A representação de um Ato Discursivo mostrará apenas os componentes que realmente tenham sido utilizados pelo Falante, minimamente a Ilocução (F<sub>I</sub>) e o próprio Falante (P<sub>I</sub>). Três tipos de Atos Discursivos são identificados:

(6) Expressivos, que dão expressão direta aos sentimentos do Falante

ex. *Droga!* (A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: /drɔga/<sub>Int</sub> (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub>] (A<sub>I</sub>))

Interativos, que consistem de material lexical invariável frequentemente ritualizado

ex. *Parabéns!* (A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: /parabens/<sub>Int</sub> (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>I</sub>))

Ilocutivos, que envolvem um Conteúdo Comunicado e uma ilocução lexical ou abstrata (F<sub>I</sub>)

ex. *Prometo que estarei lá amanhã.* (A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: /promet-/<sub>V</sub> (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>)] (A<sub>I</sub>))

*Estarei lá amanhã* (A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>)] (A<sub>I</sub>))

Atos Discursivos podem ser modificados lexicalmente, por exemplo, por uma expressão que indique o estilo do Ato (*brevemente*). Eles também podem estar sujeitos a operadores, tais como os de ironia, ênfase e de atenuação.

O núcleo da Ilocução pode ser lexical ou abstrato, como já ilustrado em (6). Isto também se aplica a ilocuições vocativas, por exemplo, permitindo uma análise da saudação *Caro John* como:

(7) (A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: /karo/ (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>: /dʒɔn/ (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>I</sub>))

Modificadores de Ilocução típicos são advérbios ilocucionários do tipo de *honestamente*, como em:<sup>3</sup>

(8) *Honestamente*, eu não gosto de você.

(9) (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>): -honestamente- (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>: -eu não gosto de você- (C<sub>i</sub>))] (A<sub>I</sub>))] (M<sub>I</sub>))

Os dois Participantes em uma interação, (P<sub>1</sub>) e (P<sub>2</sub>), alternam-se como Falante e Ouvinte; esses papéis são, portanto, indicados como funções. O núcleo pode ser abstrato (e deixado não-expresso) ou pode ser lexical, como em (10) e (11):

<sup>3</sup> Note que, nos casos em que nem todas as particularidades são necessárias para a análise do fenômeno em questão, usamos o símbolo ‘-’ para indicar o início e o fim de um fragmento que não será analisado em detalhe.

(10) *A empresa* compromete-se a substituir qualquer lata de Doggo-Meat que não agrade, sem questionamentos. (LEVINSON, 1983, p. 260)

(11) Japonês (HINDS, 1986, p. 257)

Iroi-ro-to                      *suwan san*      ni                      shitsumon      shimasu.

vária-DAT                      Swan Sra      REC      pergunta                      fazer

“Eu gostaria de lhe fazer várias perguntas, Sra. Swan”

O Conteúdo Comunicado ( $C_1$ ) contém a totalidade do que o Falante deseja evocar na sua comunicação com o Ouvinte. Os Conteúdos Comunicados têm operadores e modificadores distintos. Um operador que tem recebido atenção na GDF é o reportativo, que deve ser distinguido dos operadores evidenciais do Nível Representacional. Cada ( $C_1$ ) contém um ou mais Subatos, assim chamados porque são hierarquicamente subordinados aos Atos Discursivos. Subatos têm funções pragmáticas, e os moldes para Conteúdo Comunicado (“moldes de conteúdo”) são apresentados como configurações dessas funções pragmáticas, por exemplo, como tética, categorial, etc.

A GDF reconhece três funções pragmáticas, que são atribuídas apenas quando relevantes (ou seja, onde elas têm um impacto sobre a forma linguística). A função de Foco sinaliza a seleção estratégica de novas informações que o Falante faz, seja para preencher uma lacuna na informação do Ouvinte, seja para corrigir essa informação. O segmento de ( $C_1$ ) ao qual não se atribuiu a função de Foco constitui o Fundo. A função de Tópico é atribuída a um Subato que tem uma função especial dentro do Ato Discursivo, a de sinalizar como o Conteúdo Comunicado se relaciona com o registro gradualmente construído no Componente Contextual. O segmento ao qual não se atribuiu a função de Tópico constitui o Comentário. Geralmente, Foco e/ou Tópico são codificados nas línguas; a expressão formal do Fundo e do Comentário é rara. As línguas podem não ter a função de Tópico, ou permitir múltiplos Tópicos e/ou Focos. Uma terceira função pragmática é a de Contraste (em oposição à Sobreposição), que sinaliza o desejo do Falante de evidenciar as diferenças entre dois ou mais Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e uma informação disponível no contexto. As três funções podem, em princípio, ser combinadas entre si, e de fato encontramos combinações de Foco e Contraste em construções clivadas em inglês, Tópico e Contraste em SNs marcados por  $-nun$  em coreano (LEE, 1999) e Foco e Tópico em construções apresentacionais em francês, tais como (12):

- (12) Il est arrivé trois trains.  
 3.SG.NEUT AUX.PRS.3.SG chegar.PTCP.SG.M três trens  
 “Chegaram três trens”

Existem dois tipos de Subato: um Subato Atributivo ( $T_1$ ) é uma tentativa do Falante de evocar uma propriedade, enquanto um Subato Referencial ( $R_1$ ) é uma tentativa do Falante de evocar um referente. Em certas línguas como, por exemplo, em samoano (Mosel; Hovdhaugen, 1992) e em tagalo (HIMMELMANN, 2008), o estatuto (T) ou (R) dos Subatos é marcado explicitamente. O núcleo de um ( $T_1$ ) é, em princípio, vazio (a Propriedade sendo indicada no Nível Representacional), mas ele pode ser modificado por itens como *alegadamente*, *felizmente*, *realmente*, e/ou pode estar sujeito a um operador aproximativo, expresso em português por *tipo*, *assim* ou *aí*. O núcleo de um ( $R_1$ ) é tipicamente um Subato Atributivo (como em *o chapéu*), mas pode ser um nome próprio (*Maria*) ou um núcleo abstrato (realizado como um pronome ou um afixo). Entre os modificadores de Subatos Referenciais estão formas tais como *pobre* em *pobre de mim*; os operadores principais são aqueles usados para especificidade ( $\pm s$ ) e identificabilidade ( $\pm id$ ). Um caso especial é a combinação  $\{+ id, -s\}$ , que pode estar associada com a noção de *ignorative* (EVANS, 2003), em que o referente é considerado identificável para o Ouvinte, mas não para o Falante.

### 4.3. O Nível Representacional

O Nível Representational trata dos aspectos semânticos de uma unidade linguística. Enquanto o Nível Interpessoal cuida da evocação, o Nível Representacional é responsável pela designação. O uso do termo "semântica" é, portanto, restrito aos meios pelos quais uma língua se relaciona com os mundos possíveis que ela descreve. As camadas relevantes no Nível Representacional são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam. Categorias semânticas são manifestações de categorias ontológicas linguisticamente relevantes específicas de cada língua. Elas são organizadas hierarquicamente, como indicado em (13):

(13)	$(\pi p_1:$	Conteúdo Proposicional
	$(\pi ep_1:$	Episódio
	$(\pi e_1:$	Estado-de-Coisas
	$[(\pi f_1: [$	Propriedade Configuracional
	$(\pi f_1: \blacklozenge (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade Lexical
	$(\pi x_1: \blacklozenge (x_1): [\sigma (x_1)_\Phi])_\Phi$	Indivíduo
		...
	$] (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade Configuracional
	$(e_1)_\Phi]: [\sigma (e_1)_\Phi])$	Estado-de-Coisas
	$(ep_1): [\sigma (ep_1)_\Phi])$	Episódio
	$(p_1): [\sigma (p_1)_\Phi])$	Conteúdo Proposicional

Conteúdos Proposicionais (p), as mais altas unidades do Nível Representacional, são construtos mentais, tais como conhecimentos, crenças e desejos. Conteúdos Proposicionais podem ser factuais, quando correspondem a conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou não-factuais, quando correspondem a desejos ou expectativas em relação a um mundo imaginário. Dada a sua natureza, Conteúdos Proposicionais são caracterizados pelo fato de poderem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte ou origem (conhecimento comum partilhado, evidências sensoriais, inferência). Conteúdos proposicionais (p) não são idênticos aos Conteúdos Comunicados (C), que foram discutidos na seção anterior. Conteúdos Comunicados constituem o conteúdo da mensagem de Atos Discursivos e não são necessariamente de natureza proposicional. Assim, embora o Conteúdo Comunicado de um Ato possa corresponder a um Conteúdo Proposicional, eles não são idênticos. A principal diferença entre Conteúdo Comunicado e Conteúdo Proposicional reside no fato de o primeiro ser sempre atribuído ao Falante, enquanto o segundo não, pelo menos não necessariamente. Isso significa que Conteúdos Proposicionais podem ser atribuídos, sem nenhum problema, a outras pessoas que não sejam o Falante:

(14) Jenny acreditava que/esperava que/foi para casa porque *talvez sua mãe fosse visitá-la*.

Em todos estes exemplos, o Conteúdo Proposicional encaixado é atribuído ao Indivíduo *Jenny* introduzido na oração principal. A natureza proposicional da parte em itálico em (14) mostra-se no fato de que ela pode conter elementos que expressam uma atitude proposicional, como *talvez*.

Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (ep), que são conjuntos de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, no sentido de que mostram unidade ou continuidade de

Tempo (t), Localização (l), e Indivíduos (x). Em várias línguas, a categoria semântica de Episódio é muito claramente presente no sistema gramatical, por exemplo, naqueles que apresentam ligação *Tail-Head*. Mas também precisamos dessa categoria em frases da língua portuguesa como a seguinte, adaptada de Givón (1995, ver também WANDERS, em preparação):

- (15) Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calçada e parando para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro.

Nesse trecho, uma série concatenada de formas verbais narrativas não-finitas e a forma verbal finita final descrevem, juntas, um Episódio dentro de uma narrativa maior. O exemplo mostra, ao mesmo tempo, um aspecto importante dos Episódios: eles são localizados em tempo absoluto, enquanto os Estados-de-Coisas são localizados em tempo relativo. Assim, enquanto todas as orações em (15) representam Estados-de-Coisas, a localização absoluta no tempo ocorre apenas uma vez para a série como um todo.

Estados-de-Coisas (e) incluem eventos e estados e são caracterizados pelo fato de poderem ser localizados no tempo e poderem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade. Pode-se dizer, então, que Estados-de-Coisas “(não) ocorrem”, “(não) acontecem” ou “(não) são o caso” em algum ponto ou intervalo de tempo. O exemplo a seguir mostra, mais uma vez, que o tempo absoluto, uma característica dos Episódios, pode se combinar muito bem com o tempo relativo, uma característica dos Estados-de-Coisas.

- (16) Ontem Sheila saiu antes de jantar.

A indicação de tempo absoluto fornecida pelo advérbio *ontem* vale para os dois Estados-de-Coisas contidos em (16), na medida em que fazem parte do mesmo Episódio. A locução conjuntiva *antes* especifica a relação temporal relativa entre os dois Estados-de-Coisas.

Algumas línguas marcam regularmente essa distinção em seus sistemas gramaticais. O exemplo a seguir é do suaíli (ASHTON, 1944, p. 133). Neste caso, a primeira forma verbal fornece a marcação temporal absoluta, enquanto as formas verbais posteriores indicam a sequência cronológica relativa dentro da narrativa:

- (17) Ni-li-kwenda soko-ni, ni-ka-nunua ndizi sita,  
 1.SG-PST-ir mercado-LOC 1.SG-SUBS-comprar banana seis,  
 ni-ka-la tatu, ni-ka-mpa mwenz-angu tatu.  
 1.SG-SUBS-comer três 1.SG-SUBS-dar companheiro-1.SG.POSS três  
 “Eu fui ao mercado e comprei seis bananas; comi três e dei três a meu companheiro.”

Após indicar que o primeiro Estado-de-Coisas da série ocorreu no passado, utilizando o prefixo *li-*, os Estados-de-Coisas restantes dentro do Episódio podem ser marcados, por meio do prefixo *ka-*, como tendo ocorrido na sequência do último Estado-de-Coisas mencionado.

O Estado-de-Coisas é caracterizado por uma Propriedade Configuracional (f), que é de natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estabelecem uma relação hierárquica entre si. Propriedades Configuracionais constituem o inventário dos moldes de predicação relevantes para uma língua. As línguas podem diferir bastante na natureza e no número de moldes de predicação que são permitidos com relação à sua valência quantitativa e qualitativa. Quanto à valência quantitativa, pode haver, por exemplo, restrições à valência máxima que uma língua permite, em combinação com um único predicado. Em muitas línguas seriais, a valência máxima de um verbo é dois, e a serialização é necessária para expandir a valência indiretamente, como no exemplo a seguir, do mandarim (LI; THOMPSON, 1981, p. 366):

- (18) Wǒ gěi nǐ dào chá.  
 1 dar você despejar chá  
 “Eu servirei chá a você. “  
 “Eu despejar chá dar você.”

Qualitativamente, as línguas podem, por exemplo, diferir no que diz respeito à divisão do trabalho entre as funções semânticas. Assim, em tariana, nenhuma distinção é feita entre a codificação formal de ablativo, essivo e alativo (AIKHENVALD, 2003, p. 148):

- (19) Na-pidana uni-se.  
 3.PL.ir-REM.PST.REP água-LOC  
 “Eles foram para a água.”

- (20) Nawiki            pa:-putjita-se                            nehpani-pidana.  
 pessoas            um-CL:clareira -LOC                            3.PL.trabalhar-REM.PST.REP  
 “As pessoas estavam trabalhando em uma clareira.”
- (21) Hĩ                wyaka-se            ka-nu-karu            dhuma-naka            waku-nuku.  
 DEM.ANIM    longe-LOC            REL-vir-PST.REL.F    3.SG.F.ouvir-PRS.VIS    1PL.fala-TOP  
 “Ela que veio de longe entende a nossa fala.”

Propriedades configuracionais são construídas usando categorias semânticas que estabelecem uma relação não-hierárquica entre si. Essas categorias semânticas podem ser de vários tipos e incluem Indivíduos (x), ou seja, objetos concretos que podem ser localizados no espaço, e Propriedades Lexicais (f), que não têm existência independente e só podem ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidade. Outras categorias semânticas podem ser relevantes para a gramática de uma língua e entrar na constituição de uma Propriedade Configuracional, tais como Localização (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Quantidade (q). Em todos os casos, somente aquelas categorias semânticas que desencadeiam processos formais na gramática de uma determinada língua são postuladas para essa língua. A título de exemplo, considerem as estratégias de nominalização no inglês apresentadas na Tabela 1.

*Tabela 1.* Expressões nominais derivadas de categorias semânticas básicas

Tipo de Entidade	Exemplos
p	<i>hope-Ø, wish-Ø, belief-Ø</i>
e	<i>explora-tion, deci-sion, deple-tion</i>
f	<i>mean-ness, kind-ness, false-ness</i>
x	<i>writ-er, employ-er, sing-er</i>
l	<i>bak-ery, brew-ery, eat-ery</i>

A língua inglesa tem processos de nominalização distintos que criam substantivos que designam Conteúdos Proposicionais, Estados-de-Coisas, Propriedades, Indivíduos e Localizações. A postulação de tais categorias semânticas dentro da gramática do inglês é, portanto, justificada em termos formais.

#### 4.4. O Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, ele cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Face a essa função, muito do que acontece no Nível Morfológico é funcionalmente motivado: princípios ordenadores são motivados por iconicidade, integridade de domínio e preservação das relações de escopo. Ao mesmo tempo, a morfossintaxe tem seus próprios princípios de organização, como, por exemplo, na imposição arbitrária de um padrão de ordem de constituinte básica que não possa, em si mesmo, ser considerado funcionalmente motivado. A GDF não faz uma distinção entre um nível sintático e um nível morfológico de análise, uma vez que os princípios utilizados na formação de palavras são os mesmos utilizados na formação de frases e orações.

As camadas relevantes do Nível Morfossintático estão listadas em (22):

(22)	(Le <sub>1</sub> :		Expressão Linguística	
	(Cl <sub>1</sub> :		Oração	
	(Xp <sub>1</sub> :		Sintagma	
	(Xw <sub>1</sub> :		Palavra	
	(Xs <sub>1</sub> )		Raiz	
	(Aff <sub>1</sub> )		Afixo	
	(Xw <sub>1</sub> )		Palavra	
	(Xp <sub>1</sub> ))		Frase	
	(Cl <sub>1</sub> ))		Oração	
	(Le <sub>1</sub> ))		Expressão Linguística	

Uma Expressão Linguística é qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; onde houver mais de uma unidade dentro de uma Expressão Linguística, elas comprovadamente partilharão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam em uma Expressão Linguística podem ser Orações, Frases ou Palavras. O exemplo a seguir, em alemão, ilustra uma combinação de Sintagmas:

(23)	Je	kürzer	desto	besser.
	CORR	curto.COMPV	CORR	bom.COMPV
	“Quanto mais curto melhor.”			

Aqui temos dois Sintagmas Adjetivais mutuamente dependentes ligados pelo par correlativo *je... desto*, ilustrando assim uma Expressão Linguística que não contém uma Oração:

- (24) (Le<sub>i</sub>: [(Ap<sub>i</sub>: [(Gw<sub>i</sub>: je (Gw<sub>i</sub>)) (Aw<sub>i</sub>: kurz-Compv (Aw<sub>i</sub>))] (Ap<sub>i</sub>)) (Ap<sub>j</sub>: [(Gw<sub>j</sub>: desto (Gw<sub>j</sub>)) (Aw<sub>j</sub>: gut-Compv (Aw<sub>j</sub>))] (Ap<sub>j</sub>))] (Le<sub>i</sub>)

Ao introduzir as Expressões Linguísticas como a mais alta categoria na sua morfossintaxe, a GDF cria a possibilidade de lidar diretamente com holófrases e expressões não-sentenciais.

Uma Oração simples é um agrupamento de um ou mais Sintagmas e, possivelmente, Palavras (gramaticais), e é caracterizada, em maior ou menor grau, por um padrão para a ordenação desses Sintagmas e, também, em maior ou menor grau, por expressões morfológicas de conexão (em especial, regência e concordância). Além disso, a Oração pode operar como um domínio para vários processos morfossintáticos. Enquanto, para cada língua analisada, a identificação das Orações será dependente de critérios específicos da língua, acreditamos que é justificável postular a Oração como uma categoria universal da estrutura morfossintática.

Um Sintagma (Xp) tem como núcleo um item lexical que é transmitido a partir do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional. Não há uma correspondência biunívoca necessária entre as classes de lexemas reconhecidas em uma língua e os tipos de Sintagmas e classes de Palavras correspondentes reconhecidas dentro dessa mesma língua. Uma língua com uma classe de lexemas altamente flexível pode ter uma variedade de tipos de Sintagmas. Considere o seguinte exemplo do mundari (EVANS; OSADA, 2005, p. 354-355):

- (25) Buru=ko                      bai-ke-d-a.  
montanha=3PL                  fazer-COMPL-TR-PRED  
“Eles fizeram a montanha.”
- (26) Saan=ko                      buru-ke-d-a.  
lenha=3PL                        montanha-COMPL-TR-PRED  
“Eles amontoaram a lenha.”

O lexema *buru* pode ser usado como o núcleo dentro de um Subato Referencial (25) e como o núcleo dentro de um Subato Atributivo (26) e pode assim ser caracterizado como um lexema flexível. No entanto, a morfossintaxe do mundari faz uma clara distinção entre o Sintagma

que exprime o Subato Atributivo e o que expressa o Subato Referencial, tradicionalmente chamados de “Sintagma Verbal” e “Sintagma Nominal”:

(27) (N<sub>pi</sub>: (N<sub>wi</sub>: buru<sub>Cont</sub> (N<sub>wi</sub>)) (N<sub>pi</sub>))

(28) (V<sub>pi</sub>: (V<sub>wi</sub>: buru<sub>Cont</sub> (V<sub>wi</sub>)) (V<sub>pi</sub>))

Os padrões de Palavras Nominal e Verbal serão, então, diferentes no que diz respeito às suas possibilidades de sufixação.

A Palavra propriamente dita (X<sub>w</sub>), especialmente em línguas polissintéticas, pode ser altamente complexa. Além do fato de poder ser composta de Raízes (X<sub>s</sub>) e Afixos (Aff), em algumas línguas a Palavra pode, exatamente como qualquer outra camada de análise morfossintática, encaixar camadas superiores, como Sintagmas e Orações, obedecendo à recursividade completa. Considere o seguinte exemplo do chukchi (SKORIK, 1961, p. 103, discutido em MATTISSEN, 2006, p. 290):

(29) Tə-[tor-taŋ-pəlwəntə-pojgə]-pela-rkən.

1.SG.ABS-novo-bom-metal-lança-deixar-PRES.1.SG>3.SG

“Estou deixando uma boa e nova lança de metal.”

Nesse exemplo, um Sintagma Nominal, incluindo seus modificadores, é incorporado como um todo dentro de uma Palavra Verbal e é co-referenciado na própria palavra verbal. Juntos, esses fatos apontam para o estatuto sintagmático do nome incorporado e de seus modificadores, como representado em (30):

(30) (V<sub>wi</sub>: [(Aff<sub>i</sub>: tə (Aff<sub>i</sub>)) (N<sub>pi</sub>: -tortaŋpəlwəntəpojgə- (N<sub>pi</sub>)) (V<sub>si</sub>: pela (V<sub>si</sub>)) (Aff<sub>j</sub>: PRES (Aff<sub>j</sub>))]) (V<sub>wi</sub>))

Cada camada internamente complexa de análise morfossintática é construída em uma série de etapas. A ordem linear dos elementos é considerada a partir de duas perspectivas diferentes. Conforme discutimos anteriormente, os níveis Interpessoal e Representacional são parcialmente organizados de modo hierárquico e parcialmente de modo configuracional. A ordenação linear começa com os elementos hierarquicamente superiores e se desenvolve até os mais baixos, de acordo com a organização descendente do modelo como um todo. Essa etapa inicial implementa o fato de que as relações de escopo hierárquicas são refletidas na ordem

linear. Unidades interpessoais e representacionais que estão em uma relação configuracional não podem ser ordenadas dessa maneira. A fim de determinar como essas unidades devem ser colocadas umas em relação às outras, o sistema de alinhamento da língua entra, agora, em jogo. O alinhamento pode ser baseado em um gatilho interpessoal, representacional, ou morfossintático, ou em uma combinação deles. Toda ordenação linear é feita de forma dinâmica, valendo-se de uma série de posições absolutas (Inicial, Segunda, Medial e Final). Uma vez que essas posições tenham sido preenchidas, as demais posições relacionadas a elas tornam-se disponíveis.

Posições obrigatórias em padrões de qualquer camada para a qual nenhum material tenha sido disponibilizado pelos níveis Interpessoal e Representacional são preenchidas por elementos vazios [*dummies*] sintáticos ou morfológicos, em um processo chamado de coerção. Assim, em muitas línguas, a inserção de um componente não-verbal na posição de predicado vai desencadear a inserção de uma cópula. Em outras, a inserção de um lexema basicamente transitivo em uma estrutura de predicação intransitiva vai desencadear um afixo de detransitivização.

Uma vez que todas as posições em um padrão tenham sido preenchidas, uma série de operações de cópia podem ser necessárias para dar conta da expressão de concordância, sequência temporal e processos semelhantes.

#### **4.5. O Nível Fonológico**

O Nível Fonológico é responsável por todos os aspectos da codificação não abrangidos pelo Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* — parte dele já na forma fonêmica — de todos os três outros níveis e fornece o *input* para o Componente de Saída. Enquanto o Componente de Saída trata de questões “análogas”, como frequência dos formantes, intensidade, duração e características espectrais, o nível fonológico – estando dentro da gramática - é "digital", contendo representações em fonemas que são, em última análise, baseadas em oposições binárias fonológicas. Em outras palavras, o Nível Fonológico não mostra a "melodia" da frase entonacional, mas fornece um número de indicações em cada camada que o Componente de Saída converte em um resultado que flui suavemente.

Os primitivos com os quais o Nível Fonológico opera incluem: (i) os padrões prosódicos que se aplicam em cada camada de análise, (ii) um inventário das sequências segmentais (o léxico gramatical) que expressam configurações específicas de morfemas ou

marcadores de posição [*placeholders*] introduzidos em outros níveis; e (iii) um conjunto de operadores terciários que terão seu efeito final no Componente de Saída.

Assim como os outros níveis, as representações fonológicas são de natureza hierárquica (como na tradição da Fonologia Prosódica iniciada por NESPOR; VOGEL, 1986). Aqui, também, a GDF faz a suposição de que nem todas as camadas estão ativas em cada Enunciado ou de fato são relevantes para o sistema de cada língua. E, como no Nível Morfossintático, a GDF não exclui a possibilidade de recursividade em certas camadas. A estratificação máxima do nível fonológico é a seguinte:

(31)	$  \begin{aligned}  &(\pi U_1: [ \\  &\quad (\pi IP_1: [ \\  &\quad\quad (\pi PP_1: [ \\  &\quad\quad\quad (\pi PW_1: [ \\  &\quad\quad\quad\quad (\pi F_1: [ \\  &\quad\quad\quad\quad\quad (\pi S_1)^N \\  &\quad\quad\quad\quad\quad\quad ] (F_1)) \\  &\quad\quad\quad\quad ] (PW_1)) \\  &\quad\quad ] (PP_1)) \\  &\quad ] (IP_1)) \\  &] (U_1))  \end{aligned}  $	Enunciado Frase Entonacional Frase Fonológica Palavra Fonológica Pé Sílaba Pé Palavra Fonológica Frase Fonológica Frase Entonacional Enunciado
------	--	--

Vamos agora dizer alguma coisa sobre cada uma dessas camadas.

O Enunciado ( $U_1$ ) é o maior trecho de discurso abrangido pelo Nível Fonológico. Um Falante tenderá a usar pausas mais substanciais para separar Enunciados de Frases Entonacionais; essas pausas mais longas nunca serão interpretadas pelo Ouvinte como hesitações (HAYES, 1989, p. 219). Um Enunciado pode, além disso, mostrar distinções de altura, chamadas paratons, que contribuem para marcá-lo como um grupo autônomo de Frase Entonacional (BROWN; YULE, 1983, p. 101). A GDF representa essas distinções como operadores da variável ( $U$ ). O Componente de Saída pode reagir a uma fronteira de Enunciado introduzindo tais fenômenos como "abaixamento da  $F_0$  final, alongamento segmental, voz crepitante, redução da amplitude, longas pausas, contornos de "finalidade" estilizados, etc." (VENDITTI, 2005, p. 191).<sup>4</sup>

A Frase Entonacional é caracterizada por um núcleo, ou seja, um movimento tonal localizado em uma ou mais sílabas que é essencial para a interpretação da Frase Entonacional como um todo. A GDF representa esse movimento tonal global como um operador - (f), de queda [*falling*], ou (r), de subida [*raising*] - sobre a variável IP, cf. (32b) abaixo. Uma Frase

<sup>4</sup> "final  $F_0$  lowering, segmental lengthening, creaky voice, amplitude lowering, long pauses, stylized 'finality' contours, etc." (VENDITTI, 2005: 191)

Entonacional é normalmente separada de outra por uma pausa (menor do que aquela entre os Enunciados); no Componente de Saída, pode haver mais indicações rítmicas ou de duração. A integração gradual de Atos Discursivos dentro de um Movimento pode ser refletida na perda das fronteiras do (IP) dentro do Enunciado. Em (32), a fusão de um Ato Discursivo de Orientação e um Ato Discursivo Nuclear, como em (32b), induz a uma análise com uma única Frase Entonacional, como em (32c) (um exemplo do francês inspirado em DI CRISTO, 1998, p. 211):

- (32) a. Mon       voisin       il       est                toujours       malade.  
           1SG.POSS vizinho     3SG.M estar.PRS.3SG sempre       doente  
           “Meu vizinho, ele está sempre doente; ou Meu vizinho está sempre doente.”
- b. ((U<sub>i</sub>: [(rIP<sub>i</sub>: /mõvwazẽ/ (IP<sub>i</sub>)) (fIP<sub>j</sub>: /iletuzuRmalad/ (IP<sub>j</sub>)] (U<sub>i</sub>))
- c. ((U<sub>i</sub>: (fIP<sub>i</sub>: /mõvwazẽiletuzuRmalad/ (IP<sub>i</sub>)) (U<sub>i</sub>))

A Frase Fonológica em línguas acentuais contém uma sílaba que é mais fortemente acentuada do que as outras; essa sílaba nuclear geralmente também é o local principal para a queda ou subida global dentro da Frase Entonacional. Em línguas tonais, em que o movimento tonal é utilizado para distinções lexicais, as Frases Fonológicas têm uma *raison d'être* diferente, a saber, o domínio de sândi tonal. No inglês, língua acentual, tanto as Ilocuções DECL como as IMP são caracterizadas por um tom descendente global na camada da Frase Entonacional (fIP<sub>i</sub>). No entanto, a queda na Sílaba Nuclear tende a ser muito mais acentuada com a Ilocução IMP; isso é indicado por meio da atribuição de um operador terciário de queda adicional (PP<sub>1</sub>) contendo a Sílaba Nuclear. O Componente de Saída interpreta tal indicação dupla de queda como implicando um movimento tonal descendente maior. A altura tonal (em oposição ao movimento) dentro da Frase Fonológica - (h) alta, (m) média ou (l) baixa – é, em muitas línguas, associada à expressão de funções pragmáticas; ver 5.2.4 para um exemplo.

A Palavra Fonológica (PW<sub>1</sub>), para as línguas em que tal categoria precisa ser reconhecida, é uma parte da estrutura fonológica que exhibe pelo menos uma característica criteriosa, que pode estar relacionada ao número de segmentos, aos recursos prosódicos ou ao domínio das regras fonológicas. A sua complexa relação com a Palavra Morfossintática será tratada na Seção 5.2.7. Uma das principais funções do Nível Fonológico é converter todos os marcadores de posição de outros níveis na forma fonológica e integrá-los em uma Palavra Fonológica. Para isso, o Nível Fonológico tem um estoque de primitivos à sua disposição que

forneem material fonêmico com que substituir os espaços reservados no *input*. Esse estoque de primitivos constitui o léxico gramatical da língua em análise. Um exemplo são os comparativos em inglês, cuja forma depende das características fonológicas do adjetivo (número de sílabas e colocação do acento): o item lexical *more*, portanto, aparece como um marcador de posição nos níveis Representacional e Morfossintático, sendo a escolha final entre a palavra fonológica /mɔ:/ e a sílaba /-ə/ determinada no Nível Fonológico.

As Palavras Fonológicas são divididas em Sílabas que, em línguas acentuais (i.e. aqueles com sílabas acentuadas e não-acentuadas), agrupam-se em Pés. O Acento é indicado pelo operador 's' na variável Sílaba. Tom não-acental (e.g. em tailandês), acento tonal (e.g. em sueco) e tom acental (e.g. em japonês) também envolvem operadores – i.e. a posição  $\pi$  - em ( $\pi S_1$ ).

## **5. Interação entre os componentes e os níveis**

### **5.1. Relações entre componentes**

#### **5.1.1. Introdução**

Como ficou claro na Seção 2, o Componente Gramatical descrito na Seção 4 é parte de uma teoria mais ampla da interação verbal. A arquitetura proposta para essa teoria na GDF é fortemente inspirada pela extensa pesquisa sobre os processos de produção da fala detalhada em Levelt (1989). Seu modelo distingue três módulos fundamentais: o conceitualizador, o formulador e articulador. A grosso modo, esses módulos correspondem aos nossos Componentes Conceitual, Gramatical e de Saída, respectivamente; a esses componentes, a GDF adicionou o Componente Contextual. Vamos discutir a interação entre esses componentes individualmente.

#### **5.1.2. Interação entre os componentes Conceitual e Gramatical**

O Componente Conceitual é a força motriz por trás do funcionamento do Componente Gramatical. É aqui que está representado o material ideacional e interativo que motiva os Atos Discursivos e os Movimentos em que eles ocorrem. O Componente Conceitual não inclui

todos os aspectos da cognição, mas apenas aqueles que refletem a intenção comunicativa imediata. Por exemplo, um Falante pode conceber o desejo de dar más notícias ao Ouvinte e, ao mesmo tempo, mostrar simpatia. Em inglês, o Componente Conceitual pode desencadear a operação de Formulação para estruturar essa intenção como um Movimento com dois Atos Discursivos, um com uma Ilocução Declarativa e outro contendo uma fórmula Interativa adequada no Nível Interpessoal:

- (33) (M<sub>I</sub>: [ (A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>: [(T<sub>I</sub>) (R<sub>I</sub>)] (C<sub>I</sub>))] (A<sub>I</sub>),  
 (A<sub>J</sub>: [(F<sub>J</sub>: /aimə'freɪd/(F<sub>J</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>J</sub>))  
 ] (M<sub>I</sub>))  
 “John’s ill, I’m afraid.”  
 ‘John está doente, eu temo.’”

Em (33), os elementos ideacional e afetivo-interacional distintos (cf. Butler 2008) são refletidos em Atos Discursivos separados. Uma alternativa para o Componente Conceitual seria desencadear um único Movimento, como em *I’m afraid John’s ill*, um Movimento com apenas um Ato Discursivo que é, simultaneamente, uma Declarativa e uma expressão de simpatia. Aqui *I’m afraid* aparece como um Modificador do Ato Discursivo:

- (34) IL: (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>: [(T<sub>I</sub>) (R<sub>I</sub>)] (C<sub>I</sub>))] (A<sub>I</sub>): (F<sub>J</sub>: /aimə'freɪd/(F<sub>J</sub>))  
 (A<sub>I</sub>))] (M<sub>I</sub>))  
 “I’m afraid John’s ill.”  
 “Eu temo que John esteja doente.”

Embora o Componente Conceitual seja auxiliar em relação ao Componente Gramatical, ele não tem o mesmo alcance que a noção “*thinking for speaking*” proposta por Slobin (1996). Enquanto essa noção é específica para cada língua e envolve "escolher aquelas características dos objetos e eventos que (i) estabelecem alguma conceitualização do evento, e (ii) são facilmente codificáveis na língua" (SLOBIN, 1996, p. 76), o Componente Conceitual é pré-linguístico. O tipo de exemplo que Slobin dá, p.ex. a oposição testemunhado/não-testemunhado em turco ou a distinção perfectivo/imperfectivo em espanhol, são, na GDF, escolhas gramaticais determinadas por meio da operação de Formulação.

### 5.1.3. Interação entre os componentes Gramatical e Contextual

Assim como o Componente Conceitual é limitado no seu alcance, o Componente Contextual também não tem como objetivo representar todo o discurso corrente, mas, sim, alojar apenas aqueles aspectos do contexto que influenciam o funcionamento do Componente Gramatical. Desse modo, ele contém todas as informações da gramática que são relevantes para a forma assumida pelos enunciados posteriores e armazena informações de longo prazo sobre a interação atual que são relevantes para a Formulação e Codificação na língua que está sendo utilizada. Como exemplo, considere o fato de que, em línguas como o espanhol, o conhecimento do sexo dos participantes do ato de fala e da relação social entre eles é essencial para a interação. Em (35), a escolha da forma *pálida* (em vez de *pálido* “M.SG”) e *estás* (em vez de *está* “COP-IND.PRS.2.SG.POL”) reflete especificações do Componente Contextual:

- (35) a. ¡Qué pálido-a est-ás!  
que pálido-F.SG COP-IND.PRS.2.SG.FAM  
‘Como você está pálida!’  
b. How pale you look!

Para dar conta das propriedades gramaticais do enunciado correspondente necessárias em inglês, como em (35b), nenhuma especificação desse tipo é requerida.

Como exemplos de fenômenos gramaticais que pressupõem a primeira função mencionada do Componente Contextual, considere os pronomes reflexivos, a anáfora e casos de encadeamento narrativo. Em línguas com pronomes logofóricos, por exemplo, o Componente Contextual terá de manter um registro do estatuto das entidades (tipicamente humanas) dentro de uma frase encaixada como coincidindo com o sujeito da frase matriz ou não. Da mesma forma, conforme uma língua permita que pronomes reflexivos se apliquem a trechos maiores ou menores do discurso, o Componente Contextual será ajustado para tornar possíveis antecedentes específicos disponíveis. O Componente Contextual mantém os registros não só dos resultados da Formulação, mas também dos resultados da codificação, uma vez que é possível fazer referência anafórica não só a construções pragmáticas e semânticas, mas também a seções da estrutura morfossintática real de expressões linguísticas e da estrutura fonológica dos enunciados.

#### 5.1.4. Interação entre os componentes Gramatical e de Saída

A função do Componente de Saída na fala pode ser vista como a tradução da informação digital (ou seja, de base opositiva) na gramática para uma forma analógica (ou seja, continuamente variável). Uma fronteira de Enunciado no Nível Fonológico irá, conseqüentemente, produzir uma pausa de milissegundos no Componente de Saída, ou uma Sílabas com um operador de "queda" trará uma diminuição na frequência fundamental do trecho correspondente da saída. O Componente de Saída é também o local para as configurações de longo prazo, tais como o tempo em que a fala de um indivíduo é realizada: formas *allegro* atribuíveis à fala rápida estão entre os fenômenos tratados aqui.

Como um exemplo do efeito do Componente de Saída, considere a degeminação (cf. BOOIJ, 1995, p. 68-69, 151). Em holandês (mas não, por exemplo, em inglês), há a exigência de que duas consoantes idênticas adjacentes (ou encontros consonantais como /st/) sejam reduzidas a uma. Isso pode se aplicar em compostos lexicais, tais como *kunststuk* “objeto de arte” /'kœnstœk/; cf. *kunst* “arte” /kœnst/ e *stuk* “pedaço” /stœk/; a entrada lexical já mostra o efeito da degeminação. Essa exigência também pode se aplicar ao resultado de processos morfossintáticos, por exemplo, com a sequência /zit/+t/ “sit + 3.SG.PRES” sendo realizada como /zit/ no Nível Fonológico (\* /zit:/). No entanto, a possibilidade de adjacência também pode acontecer dentro de Frases Entonacionais, como, por exemplo, na Frase Fonológica na análise de (36):

- (36) zit-Ø                      te              werk-en  
           sentar-3S.PRES        CNJ        trabalhar-INF  
           “está trabalhando”  
           (PP<sub>i</sub>: (PW<sub>i</sub>: [(sS<sub>i</sub>: /zit/ (S<sub>i</sub>)) (S<sub>j</sub>: /tə/ (S<sub>j</sub>))] (PW<sub>i</sub>)) (PW<sub>j</sub>: [(sS<sub>k</sub>: /vɛk/ (S<sub>k</sub>)) (S<sub>l</sub>: /kə/ (S<sub>l</sub>))] (PW<sub>i</sub>))] (PP<sub>i</sub>))

Aqui, é o Componente de Saída que impõe a degeminação, produzindo um resultado que pode ser transcrito como [zitəvɛkə].

## 5.2. Relações entre os níveis do Componente Gramatical

### 5.2.1. Introdução

Mesmo um rápido olhar sobre a hierarquia em camadas dos quatro níveis gramaticais já sugere que existe um alto grau de correspondência entre eles, e há, de fato, correlações padrão entre, por exemplo, Ato Discursivo, Estado-de-Coisas, Oração e Frase Entonacional, ou entre Subato, Propriedade/Indivíduo, Sintagma e Frase Fonológica. No entanto, essas correlações estão longe de serem perfeitas e diferem em várias línguas também. Nas subseções seguintes, iremos considerar brevemente as relações entre as várias camadas.

### 5.2.2. Relação entre os níveis Interpessoal e Representacional

Todo item linguístico é analisado no Nível Interpessoal: como vimos na Seção 3.1, mesmo os Atos Expressivos, apesar de não serem orientados para o outro, envolvem um Falante e uma Ilocução. Somente se o Nível Interpessoal contiver um Conteúdo Comunicado é que o Nível Representacional também entra em jogo. Nesses casos, os dois níveis compartilham a responsabilidade pela Formulação. Em um exemplo como (37), *Mary*, seu modificador *poor* e *really* originam-se no Nível Interpessoal, enquanto o Nível Representacional introduz *like* e *seem* em estruturas apropriadas e encaixa as unidades codificadas como o sujeito extraposto de *seem* e o complemento infinitivo de *like*:

- (37) It seems poor Mary really likes to suffer.  
“Parece que a pobre Mary realmente gosta de sofrer.”

Embora os Subatos Atributivos ( $T_1$ ) geralmente correspondam a Propriedades (como em turco (38)), o ( $T_1$ ), em inglês, é um Indivíduo no Nível Representacional (como em (38)):

- (38) Erkek            öğretmen-Ø-Ø.  
homem            professor-PRES-3SG  
“O homem é um professor.”

IL:     $C_I$                      $T_I$                      $R_I$   
RL:     $(p_i: -(e_i: [$      $(f_i: öğretmen_N (f_i))$      $(x_i: (f_j: erkek_N (f_j)) (x_i))\emptyset] (e_i))-(p_i))$

(39) The man is a teacher.

“O homem é um professor.”

IL: C<sub>I</sub> T<sub>I</sub> R<sub>I</sub>

RL: (p<sub>i</sub>: -(e<sub>i</sub>: [ (x<sub>i</sub>: (f<sub>i</sub>: teacher<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>)) (x<sub>i</sub>)) (x<sub>j</sub>: (f<sub>j</sub>: man<sub>N</sub> (f<sub>j</sub>)) (x<sub>j</sub>))∅] (e<sub>i</sub>))- (p<sub>i</sub>))

### 5.2.3. Relação entre os Níveis Interpessoal e Morfossintático

As distinções feitas no Nível Interpessoal são codificadas no Nível Morfossintático ou no Nível Fonológico. Vamos considerar a codificação da função pragmática Foco atribuída a Subatos. Embora o Foco esteja, em muitas línguas, associado a efeitos prosódicos no Nível Fonológico, ele também pode ser codificado morfossintaticamente. Por exemplo, em tariana (AIKHENVALD, 2003, p. 139), o sufixo *-nhe/-ne* é aplicado a sujeitos focalizados (para simplificar um pouco); outras línguas têm marcadores apenas para Foco, cf. *-nde* na língua wambon (DE VRIES, 1985, p. 172). Outra maneira de marcar Foco morfossintaticamente é atribuir uma posição sintática especial para o elemento focalizado: em aghem (WATTERS, 1979, p. 144), é a posição imediatamente pós-verbal e, em húngaro (KENESEI et al., 1998, p. 166), é a posição imediatamente pré-verbal. Finalmente, muitas línguas indicam o Foco com uma construção focalizadora especial: se toma a forma de uma construção clivada, essa estratégia envolve o Nível Representacional também, dividindo o conteúdo em dois segmentos, com uma parte (a que corresponde ao elemento focalizado) sendo predicado da outra.

### 5.2.4. Relação entre os Níveis Interpessoal e Fonológico

Apesar de serem separados ao máximo no modelo, o relacionamento entre os Níveis Interpessoal e Fonológico é muito próximo. Como foi mencionado em 4.2, o Foco, em muitas línguas, está associado — iconicamente — à proeminência fonológica, assim como as outras funções pragmáticas. Distinções ilocucionárias também tendem a ser expressas fonologicamente, em especial se não houver nenhuma indicação morfossintática: em português, por exemplo, a distinção entre Declarativas e Interrogativas é assinalada apenas por uma oposição entre um operador de queda ou subida, respectivamente, sobre a Frase Entonacional: eles têm seu efeito sobre a Frase Fonológica final.

Em inglês, a sintaxe da oração geralmente se ajusta para garantir a posição final da Oração para o elemento associado com a atribuição de Foco: o efeito padrão no Nível Fonológico é que a Frase Fonológica final indica a Ilocução e a atribuição de Foco, como em (40):

- (40) a. I saw [a heron]<sub>Foc</sub>.  
 b. (fIP<sub>i</sub>: [(PP<sub>i</sub>: /aɪ'sɔ:/ (PP<sub>i</sub>)) (PP<sub>j</sub>: /ə'herən/ (PP<sub>j</sub>))] (IP<sub>i</sub>))  
 “Eu vi uma garça.”

Em um exemplo como (41), todo o Conteúdo Comunicado está em Foco:

- (41) a. [[The train] arrived]<sub>Foc</sub>.  
 b. (fIP<sub>i</sub>: [(PP<sub>i</sub>: /ðə'treɪn/ (PP<sub>i</sub>)) (IPP<sub>j</sub>: /ə'raɪvd/ (PP<sub>j</sub>))] (IP<sub>i</sub>))  
 “Chegou o trem.”

O operador-f da (IP<sub>i</sub>) normalmente induziria a uma entonação descendente na sílaba /raɪvd/. Porém, isso foi impossibilitado pela presença do operador-l da (PP<sub>j</sub>). O Componente de Saída, portanto, aplicará uma queda para a (PP) precedente, e o tom continuará baixo.

#### 5.2.5. Relação entre os níveis Representacional e Morfossintático

A relação entre os Níveis Representacional e Morfossintático é guiada pelo princípio de que, todo o resto sendo igual, as relações de escopo no Nível Representacional serão refletidas na ordenação relativa das unidades correspondentes no Nível Morfossintático. Dito isto, a relação é fortemente influenciada pela tipologia morfossintática da língua que está sendo descrita. Em uma língua isolante, a relação é maximamente direta, com uma relação biunívoca entre palavras simples no Nível Morfológico e unidades no Nível Representacional. Em uma língua aglutinante, o mesmo se aplica, mas agora a morfemas. Considere o seguinte exemplo do turco:

(42) Anlı-y-abıl-ecek-miş-im.

entender-CONN-ABIL-IRR-INFER-1.SG

“Percebi que eu serei capaz de entender.”

Nível Representacional: (infer p<sub>i</sub>: (ep<sub>i</sub>: (irr e<sub>i</sub>: [(abil f<sub>i</sub> [(f<sub>j</sub>: anlı<sub>v</sub> (f<sub>j</sub>)) (1x<sub>i</sub>)<sub>A</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>U</sub>] (ep<sub>i</sub>)) (p<sub>i</sub>))

Nível Morfossintático: (Le<sub>i</sub>: (Cl<sub>i</sub>: (Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: [(Vs<sub>i</sub>: anlı (Vs<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: AbII (Aff<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: EcEk (Aff<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: mİş (Aff<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: Im (Aff<sub>i</sub>))] (Vw<sub>i</sub>)) (Vp<sub>i</sub>)) (Cl<sub>i</sub>)) (Le<sub>i</sub>))

Nas línguas fusionais, em que um afixo corresponde a vários elementos no Nível Representacional, a forma final não pode ser dada até o Nível Fonológico: no Nível Morfossintático, encontramos um marcador de posição (cf. 5.2.7 abaixo). Em línguas polissintéticas, encontramos pouco isomorfismo entre o Nível Representacional e o Nível Morfossintático; a relação pode ser mais complicada pela incorporação (de Palavras, Sintagmas ou Orações), conforme demonstrado na Seção 6.

#### 5.2.6. Relação entre os níveis Representacional e Fonológico

Algumas características do Nível Representacional são realizadas fonologicamente. Considere o seguinte exemplo do gaélico escocês:

- (43) a. Tha an nighean math air bruidhinn.  
 COP.PRS DEF garota boa de conversa  
 “A garota é boa de conversa.”
- b. Tha an nighean mhath air bruidhinn.  
 COP.PRS DEF garota boa ASP conversa  
 “A boa garota tem conversado.”

Em (43a), *math* “bom” não pertence à unidade Indivíduo nucleada por *nighean* “garota” e mantém sua forma lexical /ma/, introduzida no Nível Representacional. Em (43b), no entanto, o adjetivo funciona como um modificador do núcleo feminino *nighean*, o que induz à lenição da primeira consoante, produzindo /ã/ no Nível Fonológico.

Muitos ideofones (cf. VOELTZ; KILIAN-HATZ, 2001) exemplificam unidades do Nível Representacional que são transferidas diretamente para o Nível Fonológico,

ultrapassando o Nível Morfossintático (desde que não sejam submetidos a nenhum processo morfossintático). Para um exemplo, ver Seção 6.

#### 5.2.7. Relação entre os Níveis Morfossintático e Fonológico

Como ficou implícito na discussão anterior, as línguas diferem quanto ao fato de uma distinção especial na Formulação corresponder a efeitos no Nível Morfossintático ou no Nível Fonológico. Parece haver uma certa troca entre os dois níveis de Codificação, de modo que uma distinção que é codificada em um nível não precisa ser codificada em outro. Assim, em garo (BURLING 2004, p. 67), a "entonação de perguntas formuladas com palavras interrogativas não é muito diferente da entonação de uma declaração normal". No entanto, se a partícula final *-ma* ou *-ni* for omitida, então uma subida de entonação será necessária para distinguir a Ilocução pretendida. RIALLAND e ROBERT (2001) mostraram que a língua não-tonal uólofe não tem nenhuma marca entonacional de contraste. O elemento de contraste é colocado na posição inicial da Oração, seguido por um marcador (aqui *laa*) flexionado em concordância com o sujeito do Vp seguinte:

- (44) Lekkuma          mburu          mi,          ceeb          bi          laa          lekk.  
comer.NEG.1SG    pão            DEF    arroz          DEF    CONTR.1SG    comer  
“Eu não comi o pão, foi o arroz que eu comi.”

Este “foco”, como os autores chamam, "não tem efeito sobre o contorno melódico das frases" (RIALLAND; ROBERT, 2001, p. 899).

Uma importante função do Nível Fonológico é fornecer a forma fonêmica para os marcadores de posição introduzidos no Nível Morfossintático. Em espanhol, por exemplo, o marcador de posição "indpastpf1sg" (correspondente aos operadores interpessoal e representacional Decl, Past, Perf e a um argumento “1sg”) aparece no Nível Fonológico como /e/ em uma sílaba acentuada depois de verbos de uma classe, e como /i/ depois de verbos de outras classes.

## 6. Um exemplo comentado

Vamos ilustrar agora a análise nos quatro níveis acima referidos aplicando-a a um exemplo concreto. O exemplo é da língua australiana bininj gun-wok, mais especificamente, da



O Conteúdo Comunicado de  $A_I$  consiste em um Subato Atributivo, evocando a propriedade expressa pelo verbo *gurrme*, e três Subatos Referenciais, um evocando a entidade correspondente ao Ator (*Actor*) do Estado-de-Coisas designado, e dois correspondentes ao *Undergoer*<sup>6</sup>, ou seja, dois Subatos Referenciais projetam uma única unidade semântica. Essa última observação pode, de alguma forma, surpreender, mas reflete o fato de que bininj gunwok é uma língua de argumento pronominal. O prefixo pronominal no verbo é, por si só, de natureza referencial e não precisa coocorrer com um argumento *Undergoer* lexicalmente expresso, como mostra a opcionalidade do *Undergoer* lexical no exemplo a seguir (EVANS, 2003, p. 425-426):

- (47) Al-ege daluk                      gaban-du-ng                      (bedda).  
 F-DEM mulher                      3.SBJ>3.PL.OBJ-reprender-NONPST                      eles  
 “Aquele mulher está repreendendo-os.”

Isso significa que, no caso do exemplo (45), o *Undergoer* é referido duas vezes, em dois Subatos Referenciais, um correspondendo ao prefixo pronominal referencial (neste caso específico, um morfema zero), e outro correspondendo à expressão do argumento incorporado. Note que o nome incorporado *yaw*, em (45), deve realmente ser considerado referencial, uma vez que, de outra forma, não haveria a referência cruzada no prefixo *portmanteau* do complexo verbal. A incorporação pode, portanto, ser considerada sintática, não lexical (SMIT, 2005), e deixa a natureza do verbo transitivo intacta.

O Conteúdo Comunicado de ( $A_J$ ) contém um único Subato Atributivo, evocando o som representado pelo ideofone *wotjbirr*, que caracteriza o Estado-de-Coisas evocado em ( $A_I$ ).

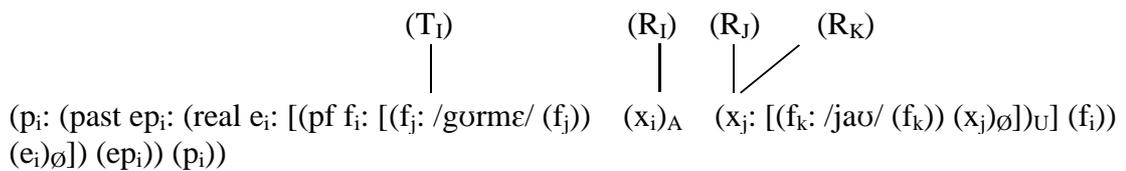
Incorporando essas observações, chegamos à mais elaborada representação do Nível Interpessoal em (48):

- (48) ( $M_I$ : [ ( $A_I$ : [( $F_I$ : DECL ( $F_I$ )) ( $P_I$ )<sub>S</sub> ( $P_J$ )<sub>A</sub> ( $C_I$ : [( $T_I$ ) ( $R_I$ ) ( $R_J$ ) ( $R_K$ )] ( $C_I$ ))] ( $A_I$ ))  
 ( $A_J$ : [( $F_J$ : DECL ( $F_J$ )) ( $P_I$ )<sub>S</sub> ( $P_J$ )<sub>A</sub> ( $C_J$ : [( $T_J$ )] ( $C_J$ ))] ( $A_J$ ))  
 ] ( $M_I$ ))

<sup>6</sup> Na GDF, o papel semântico de *Undergoer* é entendido, nos moldes de FOLEY e VAN VALIN (1984), como um macro-papel que identifica um participante mais passivo que o Ator, podendo se referir tanto o objeto direto de um verbo transitivo na voz ativa quanto ao sujeito de um verbo na voz passiva. (N.T.)

Passando agora para o Nível Representacional, a contraparte semântica de (A<sub>I</sub>) pode ser representada como em (49), o que também demonstra o alinhamento com os Subatos Interpessoais discutidos acima:

- (49) Barri-yaw-gurrme-ng  
 3.subj.pl(pst)>3.sg.obj-criança-abaxiar-pst.real.pf  
 “Eles abaixaram a criança.”



Dentro da estrutura de predicação no Nível Representacional, há uma configuração com a Propriedade (f<sub>j</sub>) como núcleo e dois Indivíduos (x<sub>i</sub>) e (x<sub>j</sub>) como dependentes. O Indivíduo (x<sub>i</sub>) não é lexicalmente realizado, mas expresso por meio do prefixo pronominal. Sua identidade tem de ser recuperada a partir do Componente Contextual com base no seu índice. Como discutido acima, o Indivíduo (x<sub>j</sub>) é realizado duas vezes, uma lexicalmente e uma por meio do prefixo pronominal. Porém, isso não afeta a representação semântica, apenas a representação pragmática.

Semanticamente falando, o substantivo a ser incorporado deve ser um núcleo, uma vez que substantivos incorporados podem receber modificadores externos em bininj gun-wok, como ilustrado em (50) (EVANS, 2003, p. 452):

- (50) Ga-yau-garrme al-daluk.  
 3.SBJ>3.SG.OBJ-criança-ter.NONPST F-mulher  
 “Ela tem uma criança do sexo feminino.”

O molde de predicação faz parte de uma estrutura representacional que mostra o encaixamento hierárquico do molde de predicação. As camadas mais relevantes aqui mostradas são o Conteúdo Proposicional (p<sub>i</sub>), o Episódio (ep<sub>i</sub>), que contém o operador de tempo absoluto, o Estado-de-Coisas (e<sub>i</sub>), que transporta o operador *realis* e a Propriedade Configuracional (f<sub>i</sub>), que transporta o operador de perfectividade. O fato de esses três operadores serem expressos em um único morfema *portmanteau* é um fato morfossintático que não afeta sua análise como três elementos distintos no Nível Representacional.

Para formular a contraparte semântica de (A<sub>J</sub>), o estatuto do ideofone *wotjbirr* deve ser estabelecido. Ideofones não receberam tratamento sistemático na GDF, mas o que pode ser dito sobre os ideofones em *bininj gun-wok* é que eles representam um conjunto de elementos lexicais que apresentam comportamentos gramaticalmente distintos e são usados principalmente para a designação convencionalizada de sons.<sup>7</sup> Isso justifica a criação de “uma categoria semântica “S(om)” para *bininj gun-wok*. Note que a natureza lexicalizada de ideofones se reflete, entre outras coisas, no fato de que eles participam da composição verbal (EVANS, 2003, p. 341).

A contraparte semântica de (A<sub>J</sub>) pode agora ser representada como em (51):

$$(51) \quad \begin{array}{l} \text{wotjbirr} \\ \text{“smack”} \\ \quad (T_j) \\ \quad | \\ (e_i: [ \quad (s_i: /w\acute{o}cbir/ (s_i)) (e_i)_U]) \end{array}$$

Note que o índice do Estado-de-Coisas variável é co-indexado com o de (50), indicando corretamente, desse modo, o fato de o ideofone fornecer uma maneira alternativa de caracterizar o mesmo evento.

O Nível Morfossintático tem a seguinte representação para a contraparte de (A<sub>J</sub>):

$$(52) \quad (Cl_i: [(Vw_i)] (Cl_i))$$

Embora o exemplo consista de uma única palavra, precisamos da camada da oração em (52), de modo a permitir a adição de modificadores externos. O padrão para a palavra verbal é dado em (53):

$$(53) \quad (Vw_i: [(Aff_i: /bai/ (Aff_i)) (Ns_i: /jau/ (Ns_i)) (Vs_i: /g\acute{o}rme/ (Vs_i)) (Aff_j: 138 (Aff_j))] Vw_i))$$

Em *bininj gun-wok*, a seleção de prefixos pronominais *portmanteau* é dependente da maneira pela qual as funções de Sujeito e Objeto são distribuídas e, com Sujeitos de terceira pessoa, ainda é dependente do tempo do verbo. A relevância da função Sujeito mostra-se no fato de que há neutralização dos argumentos Ator e *Undergoer* de predicados intransitivos e no fato

<sup>7</sup> Uma caracterização mais precisa que nos foi sugerida por Nick Evans seria dizer que ideofones em *bininj gun-wok* denotam ‘impressões sinestésicas’.

de que apenas Sujeitos podem controlar as formas reflexivas e recíprocas, como mostra o exemplo (54) (EVANS, 2003, p. 390):

- (54) Barri-marne-ganj-ginje-rr-inj.  
 3.SUBJ.PL(PST)-BEN-carne-cozinhar-COREF-PST.REAL.PF  
 “Eles cozinham a carne um para o outro.”

A relevância da função de Objeto é evidente no sistema de alinhamento primativo-secundativo da língua, o que significa que há neutralização entre os *Undergoers* em esquemas de dois lugares e entre Recipientes e Beneficiários em esquemas de três lugares, como mostrado em (55) (EVANS, 2003, p. 390), no qual a concordância do Objeto é com o Beneficiário e não com o *Undergoer*:

- (55) Bandi-marne-ganj-ginje-ng.  
 3.SUBJ.PL(PST)>3.PL.OBJ-BEN-carne-cozinhar-PST.REAL.PF  
 “Eles cozinham a carne para eles.”

O prefixo só pode, portanto, ser selecionado depois que as funções de Sujeito e Objeto tiverem sido atribuídas pelo Codificador Morfossintático. Este é um processo simples, já que não há verdadeira voz passiva disponível na língua (EVANS, 2003, p. 574). As informações sobre tempo necessárias para a seleção da forma adequada do prefixo podem ser obtidas diretamente a partir do Nível Representacional.

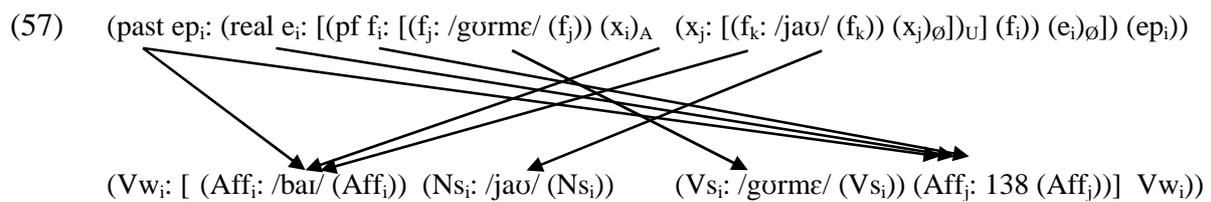
A ordenação dos diferentes componentes da palavra verbal pode ser representada como em (56):

- |   |  |  |                         |
|---|--|--|-------------------------|
| $P^I$   | $P^{F-2}$                                    | $P^{F-1}$                                      | $P^F$                   |
| (56) (Vw <sub>i</sub> : [(Aff <sub>i</sub> : /baɪ/ (Aff <sub>i</sub> )) | (Ns <sub>i</sub> : /jaʊ/ (Ns <sub>i</sub> )) | (Vs <sub>i</sub> : /gɔrmɛ/ (Vs <sub>i</sub> )) | (Aff <sub>j</sub> : 138 |
| (Aff <sub>j</sub> ))] Vw <sub>i</sub> )                                 |  |  |                         |

As possibilidades morfológicas de uma palavra em bininj gun-wok são muito ricas, como mostra EVANS (2003, p. 318), e apenas parcialmente exploradas no exemplo em questão. Cada palavra verbal contém, obrigatoriamente, um complexo pronominal inicial (em geral, um morfema *portmanteau*) necessariamente na posição mais à esquerda, um sufixo de TMA na posição mais à direita e uma raiz verbal (potencialmente derivada) imediatamente anterior

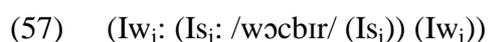
ao sufixo de TMA. Se houver um substantivo incorporado, ele imediatamente precede a raiz verbal (potencialmente derivada). No processo de ordenação hierárquica, o sufixo de TMA está localizado na P<sub>F</sub>. No processo de ordenação configuracional, o núcleo verbal é colocado imediatamente antes do sufixo de TMA e o substantivo incorporado é colocado à esquerda dele, na próxima posição disponível. A expressão pronominal *portmanteau* é colocada no P<sub>I</sub>.

As complexas relações entre o Nível Representacional e o Morfossintático agora podem ser mostradas como em (57):



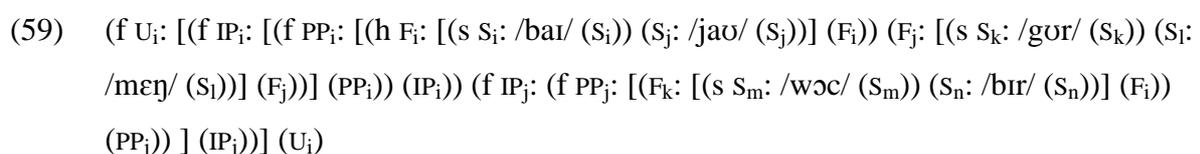
O que essa representação mostra é que há uma relação de um para um entre os elementos lexicais no Nível Representacional e os *slots* de raiz dentro do padrão de palavra morfossintática, mas uma relação de muitos para um entre os elementos não-lexicais, no Nível Representacional, e os *slots* de sufixo no Nível Morfossintático. Esse último ponto indica claramente a natureza cumulativa dos afixos flexionais em bininj gun-wok e ainda mostra que unidades independentes no nível semântico entram na constituição interna de uma única palavra morfossintática.

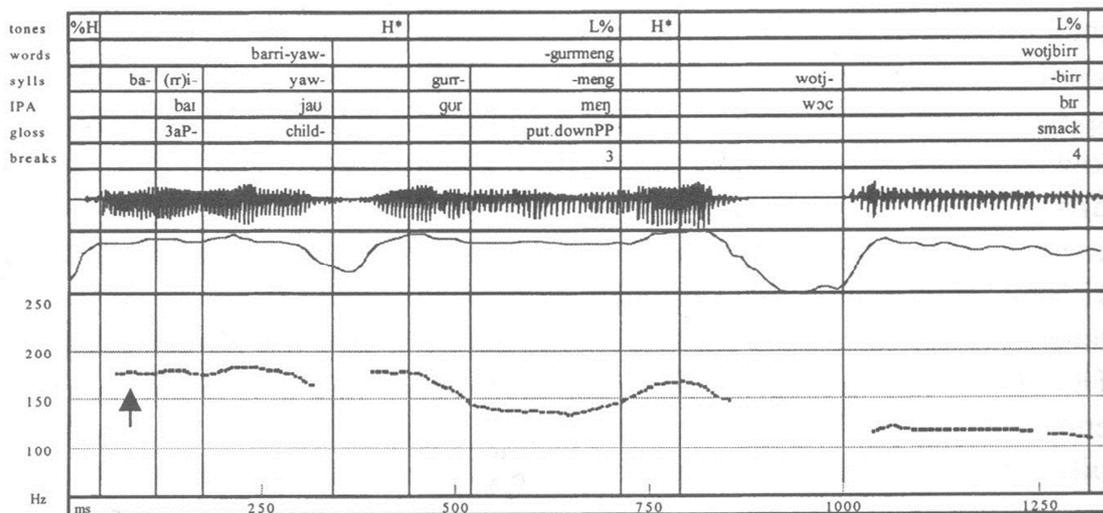
A contrapartida morfossintática de A<sub>j</sub> é simples:



Dado que a classe de ideofones constitui uma classe de palavra especial em bininj gun-wok, usamos a categoria (I<sub>w</sub>) para dar conta dela. Além disso, esse é um bom exemplo de um Ato que corresponde a uma única palavra, ou seja, uma expressão holofrástica.

A formalização no Nível Fonológico do exemplo (45) é apresentada em (59). O espectrograma, mostrado abaixo da fórmula, é retirado de BISHOP e FLETCHER (2005, p. 350), em quem nossa argumentação se baseia.





BISHOP e FLETCHER (2005, p. 358) mostram que a pausa entre *barriyawgurmeng* e *wotjbirr* tem o índice 3, indicando uma ruptura medial do enunciado entre as frases entonacionais e, em decorrência disso, as duas IPs dentro do enunciado  $U_i$  (para mais detalhes sobre os índices de quebra, ver BISHOP; FLETCHER, 2005, p. 352-354). Cada uma das IPs corresponde a um Ato no Nível Interpessoal. O fato de que existe um enunciado (U) é sustentado, aqui, pela pausa final com índice de ruptura 4, que indica uma fronteira de emissão (BISHOP; FLETCHER, 2005, p. 358). O enunciado como um todo corresponde a um Movimento no Nível Interpessoal.

Ambos os IPs têm um contorno de queda, como demonstrado por seus operadores-f, que expressa sua natureza declarativa. A gravação mostra que o segundo IP tem uma queda particularmente clara a partir de /wɔc/ até /bir/, que interpretamos como um efeito paratonal indicativo do fim de um Movimento e indicado por um operador-f em  $U_i$ . O primeiro IP tem um pé inicial alto ( $h F_i$ ), refletindo a identificação de BISHOP e FLETCHER (2005, p. 350) desse exemplo como tendo, nos termos deles, um "tom de fronteira inicial elevado" (% H).

No exemplo, cada IP contém uma PP e, em outro dialeto bininj gun-wok, sabe-se que as PPs têm um contorno de queda ("tonalmente marcado (com um tom baixo) na sua margem direita"), BISHOP; FLETCHER, 2005, p.341). Estes autores supõem que isso também se aplique ao dialeto mayali manyallaluk. Esse contorno de queda é indicado pelo operador-f das PPs.

A IP bininj gun-wok tem um acento nuclear único e a "fronteira tonal" é assinalada na última ou na penúltima e na última sílabas da IP (BISHOP; FLETCHER, 2005, p. 342). Isso se reflete na análise: cada IP tem um operador de queda que o Articulador atribuirá à sílaba

final acentuada de cada um, ou seja, /gʊr/ e /wɔc/. As sílabas seguintes /mɛŋ/ e /bir/ são produzidas em um tom menor do que as sílabas anteriores.

O nível da Palavra Fonológica (PW) não foi considerado necessário para uma descrição da entonação do bininj gun-wok (BISHOP; FLETCHER, 2005, p. 339) e, portanto, não foi incluído aqui.

Em cada pé (F), é a primeira sílaba que é acentuada (como sempre em bininj gun-wok; BISHOP; FLETCHER, 2005, p. 340 salientam que o pé é “troqueado e ilimitado”, dando um exemplo de um pé com três sílabas não acentuadas: *gorlomomo* “crocodilo de água doce”). Isso é indicado por meio dos operadores-s nas primeiras sílabas de cada pé. O pé  $F_i$ , que corresponde à estrutura morfosintática *barriyaw*, pode alternativamente ser analisado como tendo três sílabas, mais uma vez com o acento na primeira. Neste caso,  $s_i$  seria, em (59), expandida como em (60):

$$(60) \quad (s \ s_i: /ba/ (S_i)) (S_{i+1}: /rɪ/ (S_{i+1}))$$

Dessa forma, o colapso das duas primeiras sílabas em uma na realização efetiva do enunciado teria que ser deixado para o Articulador, possivelmente como uma característica da fala *allegro*.

Das várias características prosódicas manifestadas por esse exemplo, podemos dizer que aquelas que se aplicam ao nível do Enunciado e ao nível das Frases Entonacionais são significativas, no sentido de que elas expressam distinções relevantes no Nível Interpessoal, enquanto as outras correspondem a configurações padrão. As correspondências globais entre o Nível Interpessoal e o Nível Fonológico podem, então, ser indicadas como em (61), onde omitimos os níveis intermediários Representacional e Morfosintático para manter a legibilidade:

$$(61) \quad (M_i: [(A_i: [(F_i: DECL (F_i)) \dots] (A_i)) (A_j: [(F_j: DECL (F_j)) \dots] (A_j)) ] (M_i))$$

$$(f \ U_i: [(f \ IP_i) \quad (f \ IP_j) ] (U_i))$$

## 7. Variação Dinâmica

Nossa argumentação nas seções anteriores baseou-se em dados estáticos sincrônicos a partir tanto de uma língua específica como de uma perspectiva tipológica. A GDF, no entanto, também tem como objetivo oferecer um quadro para a análise de dados dinâmicos, sejam estes relacionados com a aquisição e perda da linguagem ou com a gênese e a mudança da língua. Nós podemos abordar essas questões aqui apenas brevemente.

A estrutura da GDF oferece, como foi observado por BUTLER e TAVERNIERS (2008), duas grandes predições no que diz respeito à variação dinâmica: uma está relacionada à etapa variacional entre os Níveis Representacional e Interpessoal, e a outra, às etapas variacionais entre as diversas camadas hierarquicamente ordenadas em cada nível. Em ambos os casos, a manifestação real das etapas variacionais estará localizada nos Níveis Morfossintático e Fonológico.

Como um exemplo da etapa entre o Nível Interpessoal e o Nível Representacional, considere o estatuto de conjunções adverbiais em inglês. HENGEVELD e WANDERS (2007) mostram que uma distinção básica pode ser feita em inglês entre conjunções lexicais e gramaticais: as primeiras podem ser modificadas, enquanto as últimas não podem, como mostram (62) e (63):

(62) He arrived **three hours** before she left.

“Ele chegou três horas antes de ela sair.”

(63) \*He continued walking around **three hours** until the meeting began.

“Ele continuou passeando três horas até que a reunião começou.”

Ambos os tipos de conjunção, no entanto, admitem modificadores que tenham escopo sobre a frase conjuncional inteira, como mostram (64) e (65):

(64) He arrived **exactly** three hours before she left.

“Ele chegou exatamente três horas antes de ela sair.”

(65) He continued walking around **exactly** until the meeting began.

“Ele continuou passeando exatamente até que a reunião começasse.”

Todas as conjunções mostradas em (62) a (65) operam no Nível Representacional. Conjunções no Nível Interpessoal não admitem nenhum tipo de modificação, como ilustrado em (66):

- (66) \*He is a nice guy, **exactly** while she is a rather unpleasant character.  
“\*Ele é um cara legal, exatamente enquanto ela é uma personagem bastante desagradável.”

Este ponto é particularmente evidente nos casos em que uma conjunção pode ser usada em ambos os níveis, como em (67) e (68):

- (67) \*Watch out, **exactly because** there is a bull in the field.  
“\*Cuidado, exatamente porque há um touro no campo.”
- (68) Providing food assistance is not easy **exactly because** the infrastructure is lacking.  
“Fornecer assistência alimentar não é fácil exatamente porque a infra-estrutura é inexistente.”

Em (67), a oração causal motiva um Ato Discursivo no Nível Interpessoal, mas, em (68), ela fornece a razão de um Estado-de-Coisas no Nível Representacional. Com base em fatos como esses, pode-se concluir que a gramaticalização de conjunções anda junto com o desenvolvimento de uma função interpessoal a partir de sua função representacional original.

As etapas variacionais entre as diversas camadas hierarquicamente ordenadas em um determinado nível podem ser ilustradas por meio da aquisição de categorias de operadores no Nível Representacional. Baseando-se em uma grande quantidade de dados da aquisição de inglês por crianças, BOLAND (2006) mostra que os operadores das camadas inferiores são adquiridos anteriormente e/ou mais rapidamente do que os operadores das camadas superiores. Mais especificamente, a autora mostra que os operadores aspectuais (camada da Propriedade f) são adquiridos mais rapidamente e mais cedo do que os operadores de tempo (camada do Estado-de-Coisas e) que, por sua vez, são adquiridos antes dos operadores que expressam uma atitude proposicional (camada do Conteúdo Proposicional p). Ela revela ainda que essa observação é válida para a aquisição de uma vasta gama de línguas tipologicamente diferentes e é condizente com a evolução diacrônica nesse domínio.

## 8. Considerações finais

Isto conclui nossa visão geral do modelo GDF, uma teoria estrutural-funcional da linguagem com uma forte base tipológica. Suas características definidoras podem ser resumidas da

seguinte forma: (i) a GDF tem uma organização descendente; (ii) a GDF toma os Atos Discursivos em vez da sentença como sua unidade básica de análise; (iii) a GDF é concebida como o Componente Gramatical de uma teoria mais ampla da interação verbal no qual ela está conectada com os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída; (iv) a GDF contém os Níveis Interpessoal, Representacional, Morfosintático e Fonológico. Essa arquitetura é aplicada tanto a dados estáticos quanto a dinâmicos.

#### Abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ABIL	abilidade
ABS	absolutivo
ANIM	animado
ASP	aspecto
AUX	auxiliar
BEN	beneficiário
CL	oração
CNJ	conjunção
COMPL	completiva
COMPV	comparativa
CONN	conectiva
CONTR	contraste
COP	cópula
COREF	correferência
CORR	correlativa
DECL	declarativa
DEF	definido
DEM	demonstrativo
F	feminino
FAM	familiar
GDF	Gramática Discursivo Funcional
IND	indicativo
INF	infinitivo
INFER	inferencial
IRR	irrealis
LOC	locativo
LSF	Linguística Sistemico Funcional
M	masculino
NEG	negação
NONPST	não-passado
OBJ	objeto
PF	perfectivo
PL	plural
POSS	possessivo
PRED	predicativo

PRS	presente
PST	passado
PTCP	particípio
REAL	realis
REC	recipiente
REL	relativa
REM	remoto
REP	reportativo
RRG	Gramática de Papel e Referência
SG	singular
SUBJ	sujeito
SUBS	tempo subsequente
TOP	tópico
TR	transitivo
VIS	visual

### Referências Bibliográficas

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *A Grammar of Tariana, from Northwest Amazonia* (Cambridge Grammatical Descriptions). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ASHTON, Ethel O. *Swahili Grammar (Including Intonation)*. London: Longman, 1944.
- BISHOP, Judith; Fletcher, Janet. Intonation in six dialects of Bininj Gun-wok. In: JUN, Sun-Ah (Ed.) *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 331–361.
- BOLAND, Annerieke. *Aspect, Tense and Modality: Theory, Typology, Acquisition*. Utrecht: LOT, 2006.
- BOOIJ, Geert. *The Phonology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- BROWN, Gillian; YULE, George. *Discourse Analysis* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BURLING, Robbins. *The Language of the Modhupur Mandi (Garo)*. Vol I: *Grammar*. New Delhi: Bibliophile South Asia, 2004.
- BUTLER, Christopher S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories* (Studies in Language Companion Series 63-64). Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- BUTLER, Christopher S. Interpersonal meaning in the noun phrase. In: RIJKHOFF, Jan; VELASCO, Daniel García (Eds.). *The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 221-261.
- BUTLER, Christopher S.; TAVERNIERS, Miriam. Layering in structural-functional grammars. *Linguistics*, 46, 2, p. 689-756, 2008.
- CAFFAREL, Alice. Systemic Functional Grammar and the Study of Meaning. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 797-826.
- CULICOVER, Peter W. Simpler Syntax. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 761-798.
- DI CRISTO, Albert. Intonation in French. In: HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert (Eds.). *Intonation Systems: A Survey of Twenty Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 195–218.
- EVANS, Nicholas D. *Bininj Gun-Wok: A Pan-Dialectal Grammar of Mayali, Kunwinjku and Kune*. Canberra: Australian National University, 2003. 2 vols.

- EVANS, Nicholas D.; OSADA, Toshiki. Mundari: The myth of a language without word classes. *Linguistic Typology*, 9, 3, p. 351–390, 2005.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Hodder Arnold, 2004.
- HAYES, Bruce. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, Paul; YOUMANS, Gilbert (Eds.). *Rhythm and Meter*. Orlando, FA: Academic Press, 1989. p. 201–260.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. Functional Discourse Grammar. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 367–400.
- HENGEVELD, Kees; WANDERS, Gerry. Adverbial conjunctions in Functional Discourse Grammar. In: HANNAY, Mike; STEEN, Gerard J. (Eds.). *Structural-Functional Studies in English Grammar: In Honour of Lachlan Mackenzie* (Studies in Language Companion Series 83). Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 209–226.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexical categories and voice in Tagalog. In: MUSGRAVE, Simon; AUSTIN, Peter K. (Eds.). *Voice and Grammatical Functions in Austronesian Languages*. CSLI Publications, Stanford University, California, 2008. p. 247–293.
- HINDS, John. *Japanese* (Croom Helm Descriptive Grammars). London: Croom Helm, 1986.
- JACKENDOFF, Ray; CULICOVER, Peter W. *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- KENESEI, István; VAGO, Robert M.; FENYVESI, Anna. *Hungarian* (Descriptive Grammars). London: Routledge, 1998.
- LEE, Chungmin. Topic, contrastive topic and focus: what’s on our minds. 1999. <http://www.jcss.gr.jp/iccs99OLP/pt1/pt1.htm>. Acessado em 14/11/2010.
- LEVELT, Willem J. M. *Speaking*. Cambridge MA: MIT Press, 1989.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A., *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar*. Berkeley, CA: University of California Press, 1981.
- MATTISSEN, Johanna. The ontology and diachrony of polysynthesis. In: WUNDERLICH, Dieter (Ed.). *Advances in the Theory of the Lexicon*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 287–353.
- MOSEL, Ulrike; HOVDHAUGEN, Even. *Samoan Reference Grammar* (Instituttet for Sammenlignende Kulturforskning B85). Oslo: Scandinavian University Press, 1992.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- RIALLAND, Annie; ROBERT, Stéphane. The intonational system of Wolof. *Linguistics*, 39, 5, p. 893–939, 2001.
- SKORIK, Pjotr J. *Grammatika čukotskogo jazyka* [Grammar of Chukchee]. Moscow: Izdatel’stvo Akademii Nauk, 1961/1977. 2 vols.
- SLOBIN, Dan I. From “thought and language” to “thinking for speaking”. In: GUMPERZ, John J.; LEVINSON, Stephen C. (Eds.). *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press: 1996, p. 70–96.
- SMIT, Niels. Noun incorporation in Functional Discourse Grammar. In: DE GROOT, Casper; HENGEVELD, Kees (Eds.). *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar*, Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 87–134.
- VAN VALIN, JR, Robert D.; LAPOLLA, Randy. *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- VAN VALIN, JR, Robert D. *An Introduction to Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- VAN VALIN, JR, Robert D. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VAN VALIN, JR, Robert D. Role and Reference Grammar as a Framework for Linguistic Analysis. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 703-738.
- VENDITTI, Jennifer J. The J\_ToBI model of Japanese intonation. In: JUN, Sun-Ah (Ed.). *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 172–200.
- VOELTZ, F. K. Erhard; KILIAN-HATZ, Christa (Eds.). *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- VRIES, Lourens de. Topic and Focus in Wambon discourse. In: BOLKESTEIN, A. Machtelt; DE GROOT; Casper; MACKENZIE, J. Lachlan (Eds.). *Syntax and Pragmatics in Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1985, p. 155–180.
- WANDERS, Gerry (in prep.), *Typology and Diachrony: On the Use of the Subjunctive in Adverbial Clauses in the Ibero-Romance Languages*.
- WATTERS, John R. Focus in Aghem: A study of its formal correlates and typology. In: Larry Hyman (Ed.). *Aghem Grammatical Structure*. Los Angeles CA: University of Southern California, 1979. p.137–197.

(Traduzido por Marize Mattos Dall’Aglío Hattner)